

Regilane Barbosa Maceno
(Organizadora)

DIÁLOGOS SOBRE LITERATURA INFANTIL, INFÂNCIA E FORMAÇÃO DE LEITOR

Gabriela Cristina Barros Nascimento
Francisco Dheyson Moraes de Sousa
Edson Araújo de Oliveira Filho
Myrelly de Mello Moraes
Ilene Maria Pereira da Silva
Mateus Lima Nascimento
Maiara Cristina Pereira da Silva

Regilane Barbosa Maceno
(Organizadora)

**DIÁLOGOS SOBRE
LITERATURA INFANTIL,
INFÂNCIA E FORMAÇÃO
DE LEITOR**

1ª edição

Editora Itacaiúnas
Ananindeua – PA
2022

©2022 por Regilane Barbosa Maceno

©2022 por diversos autores

Todos os direitos reservados.

1ª edição

Conselho editorial / Colaboradores

Márcia Aparecida da Silva Pimentel – Universidade Federal do Pará, Brasil

José Antônio Herrera – Universidade Federal do Pará, Brasil

Márcio Júnior Benassuly Barros – Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Wildoberto Batista Gurgel – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil

André Luiz de Oliveira Brum – Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Mário Silva Uacane – Universidade Licungo, Moçambique

Francisco da Silva Costa – Universidade do Minho, Portugal

Ofélia Pérez Montero - Universidad de Oriente – Santiago de Cuba, Cuba

Editora-chefe: Viviane Corrêa Santos – Universidade do Estado do Pará, Brasil

Editor e web designer: Walter Luiz Jardim Rodrigues – Editora Itacaiúnas, Brasil

Editor e diagramador: Deivid Edson Corrêa Barbosa - Editora Itacaiúnas, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D536 Diálogos sobre literatura infantil, infância e formação de leitor
[recurso eletrônico] / organizado por Regilane Barbosa Maceno. - 1.
ed. – Ananindeua : Itacaiúnas, 2022.
59 p.: PDF ; 1,13 MB.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-9535-198-1 (e-book)

DOI: 10.36599/itac-dlifli

1. Educação infantil; 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 370

CDU 37

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação 370
2. Educação 37

E-book publicado no formato PDF (*Portable Document Format*). Utilize software [Adobe Reader](#) para uma melhor experiência de navegabilidade nessa obra.

O conteúdo desta obra, inclusive sua revisão ortográfica e gramatical, bem como os dados apresentados, é de responsabilidade de seus participantes, detentores dos Direitos Autorais (Lei n 5610/98).

Esta obra foi publicada pela **Editora Itacaiúnas** em novembro de 2022.

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
Regilane Barbosa Maceno	
AS MUDANÇAS DE ALICE: ENSAIO SOBRE UM SER EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO	8
Gabriela Cristina Barros Nascimento	
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UM OLHAR PARA A CRIANÇA EM FORMAÇÃO.....	16
Francisco Dheyson Moraes de Sousa	
O PEQUENO PRÍNCIPE E A DIFUSÃO DO IMAGINÁRIO: ENTRE OS LIMITES DA CATEGORIZAÇÃO.....	23
Edson Araújo de Oliveira Filho	
A AUSÊNCIA DA INFÂNCIA DA CRIANÇA NEGRA NO CONTO <i>NEGRINHA</i>, DE MONTEIRO LOBATO	32
Myrelly de Mello Morais	
CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS PARA O IMAGINÁRIO INFANTIL.....	39
Ilene Maria Pereira da Silva	
REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTIL: POR QUE É TÃO IMPORTANTE?.....	44
Mateus Lima Nascimento	
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTUJOVENIL NA CONSTRUÇÃO DO HÁBITO LITERÁRIO DO ESTUDANTE: A ESCOLA COMO PROPULSORA DO HÁBITO LITERÁRIO NO DISCENTE.	50
Maiara Cristina Pereira da Silva	
REFERÊNCIAS.....	57
OS AUTORES.....	58

APRESENTAÇÃO

A Literatura infantil e a Literatura infantojuvenil podem ser entendidas como possibilidades de inserção no universo mágico da leitura. Para entendermos bem a importância dessa literatura na formação do ser humano, é necessário um olhar mais detido sobre como a humanidade sempre foi e é movida pelo desejo de narrar, mesmo quando ainda nem tem o domínio da linguagem oral (como os balbucios dos bebês).

Esse fascínio por contar e ouvir história também se evidencia na variedade de textos que foram legados às diversas gerações e continuam sendo produzidos: mitos, lendas, fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos e tantos outros. Tudo isso forma um rico material a que temos acesso, repleto de histórias que nos permitem conhecer outros homens, cheios de memórias coletivas, arraigados de diversidade cultural, encantamentos e valores que são humanos, apresentados, muitas vezes, com carizes universais e atemporais.

Não resta dúvida de que a literatura é um lugar especial, em que muito se discute. Discutir questões que são caras ao homem por meio do texto literário é um exercício que a universidade tem feito. Isso contribui para a ampliação do entendimento do mundo e do ser humano.

Nessa perspectiva, este e-book reúne ensaios oriundos de pesquisas e atividades acadêmicas realizadas durante o desenvolvimento da disciplina **Literatura Infantojuvenil**, ofertada pelo Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Pedreiras, em 2022.1. O objetivo dessa produção está voltado para discussões e reflexões em torno do tema ***Diálogos sobre Literatura Infantil, Infância e Formação de leitor***. São, portanto, diálogos travados durante as aulas, pelos alunos do 4º Período do Curso de Letras da instituição, que já estão trilhando os caminhos da pesquisa, entendendo-a como parte essencial da própria formação acadêmica.

O e-book ***Diálogos sobre Literatura Infantil, Infância e Formação de leitor*** apresenta textos de crítica literária e de análises de obras voltadas para a criança ou, ainda, que tenham a infância como foco. Assim, no texto ***As mudanças de Alice: ensaio sobre um ser em constante transformação***, Gabriela Cristina analisa o processo de transformação ocorrido com a protagonista de um dos maiores clássicos da literatura infantil universal, Alice no

País das Maravilhas. Com uma escrita consistente, a autora relaciona essas transformações pelas quais passa a personagem com os próprios processos de mudança e transformação que o homem também vivencia.

Essa mesma obra foi analisada no trabalho ***Alice no País das Maravilhas: um olhar para a criança em formação***. Nele, Francisco Dheyson discute o papel do texto literário na formação da criança enquanto sujeito, mostrando como as histórias infantis, assim como a da menina Alice, podem cumprir bem um papel de levar a criança à descoberta, ao questionamento, o que possibilitará a construção de conhecimentos múltiplos.

Em ***O Pequeno Príncipe e a difusão do imaginário: entre os limites da categorização***, Edson Araújo parte da obra *O Pequeno Príncipe* para fazer uma análise crítica acerca da categorização das narrativas infantis, entendendo que isso restringe as possibilidades de leituras e de construção de sentidos para texto literário.

No texto ***A ausência da infância da criança negra no conto Negrinha, de Monteiro Lobato***, Myrelly de Mello aborda a literatura infantil brasileira na perspectiva dos estudos das relações étnico-raciais. A partir do conto lobatiano, a autora faz uma análise contundente sobre a ausência da infância no conto, mostrando que os impactos do tratamento dado à personagem central da obra, por todos que convivem com ela, evidenciam que, mesmo no “pós-escravatura” essa era a realidade do povo negro. E nesse processo de desumanização, orquestrada pelo escravagista, nem a infância foi poupada.

Na discussão proposta no texto ***Contribuições dos Contos de Fadas para o imaginário infantil***, Ilene Maria discute a importância das narrativas infantis para o desenvolvimento intelectual da criança, sobretudo, nas fases iniciais da vida – incluindo a vida escolar –, pois é quando a criança dá vida a tudo que a cerca. A autora defende que essas narrativas fomentam positiva e substancialmente o imaginário infantil.

Na esteira do texto de Ilene Maria, a discussão ***Representatividade negra na literatura infantil: por que é tão importante?***, de autoria de Mateus Lima, também aborda a formação do imaginário infantil e como as narrativas podem ser lugar de conhecimento de si, do mundo e do outro. O autor faz uma reflexão necessária sobre a representação da criança negra nos contos infantis, pois esses textos podem ser um aparato importante para trabalhar questões que

são caras ao negro, como representatividade, aceitação, identidade... tudo isso trabalhando desde a infância e à luz do que diz a Lei 10.639/2003.

No ensaio final deste e-book, o texto ***A importância da literatura infantojuvenil na construção do hábito literário do estudante: a escola como propulsora do hábito literário no discente***, Maiara Cristina discute sobre a importância da literatura infantojuvenil para o desenvolvimento dos hábitos de leitura. A autora destaca também o papel da escola e do professor nesse processo de ensino, enfatizando que as ações escolares com esse foco devem ser pensadas desde os documentos da instituição – no Projeto Político Pedagógico, por exemplo.

São, pois, ricas discussões que podem contribuir para despertar o interesse de leitores nas questões levantadas por esses pesquisadores, além de se constituir como um estímulo ao exercício da pesquisa e da leitura, de forma crítica e autônoma, no ambiente acadêmico e na formação pessoal e profissional de cada um.

Organizadora

AS MUDANÇAS DE ALICE: ENSAIO SOBRE UM SER EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

Gabriela Cristina Barros Nascimento (UEMA)

A obra *Alice no País das Maravilhas* foi publicada por Lewis Carroll – pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson – em 1865. Desde o século XIX até a contemporaneidade, a história a consagrou como uma das principais obras voltadas para o público infantil, e possui muitas edições e traduções em vários países, bem como adaptações para o cinema, TV e referências por toda a cultura popular; “a obra se tornou um grande sucesso, tendo sido lida por Oscar Wilde e pela rainha Vitória e tendo sido traduzida para mais de 50 línguas” (BORGES), além de muitos trabalhos acadêmicos que a tem como objeto de estudo. Quem leu o livro, se não concorda, pelo menos compreende por que ele possui tanta fama, pois o autor, ao utilizar a fantasia e o nonsense, criou uma história muito original, cheia de metáforas e situações que admitem interpretações plurais.

A obra conta as aventuras de Alice, uma garotinha entediada que, numa tarde ao ar livre, avista um coelho falante... Ela o segue e, ao cair na toca do coelho, se vê no País das Maravilhas, um lugar cheio de criaturas fantásticas. Lá, Alice vai viver situações que fogem de tudo que acreditamos ser naturalmente possível e, por isso, a obra é considerada um nonsense fantasioso.

Primeiro, para entendermos por que a obra se enquadra nos gêneros nonsense e fantasia, é preciso conceituar os termos separadamente. Segundo a tradutora Isabel de Lorenzo (2000), na introdução de *Alice no País das Maravilhas* explica que o gênero é:

“[...] caracterizado pelo emprego do absurdo, o nonsense é uma forma literária que, por meio da subversão da linguagem, revela diversos níveis de crítica: crítica às normas naturais que regem nossa vida, crítica à sociedade conservadora e moralista daquela época, crítica da própria linguagem. São manifestações do nonsense: as brincadeiras com a lógica, a exploração dos vários sentidos das palavras, as situações absurdas, a impressão de um mundo de pernas para o ar”. (LORENZO, 2000, p.12)

É importante esta conceituação do nonsense, um elemento tipicamente empregado na literatura inglesa do século XIX, porque nos permite observar a

obra de forma mais ampla: além dos acontecimentos absurdos/fantásticos do enredo que servem para admirar ou divertir o leitor, conseguimos analisar a obra pela ótica de crítica social, observando as aventuras de Alice como uma alegoria da nossa sociedade em que cada personagem que desfila na obra pode ser vista como uma representação social, satírica e até mesmo caricata da realidade.

Retornaremos a esse aspecto do livro de Carroll mais à frente. Já a caracterização de fantasia para o linguista búlgaro Tzvetan Todorov considera que:

Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo 'seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, 'é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. (TODOROV, 1970, p. 15)

Portanto, na literatura, fantasia é o encontro do ser humano ante o inexplicável, e isto pode tanto ter explicações improváveis, mas condizentes com as leis do universo como a conhecemos, quanto explicações de fato sobrenaturais. Ainda para o autor:

O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 1970, p. 15-16)

Se nas aventuras de Alice acontecem coisas necessariamente fora da nossa realidade, como seu encontro com animais falantes e suas mudanças de tamanho, porque é considerada no terreno do “fantástico” e não do “maravilhoso”? No fim do livro, quando a Rainha de Copas está mandando que cortem a sua cabeça, Alice acorda, como se de um sonho, de volta ao lugar onde estava com sua irmã ao avistar o coelho pela primeira vez... O leitor se questiona se os acontecimentos foram reais na estória (maravilhoso) ou se foram somente um sonho produzido pela mente fértil e entediada de Alice (estranho, porém explicável), e como supracitado, a fantasia reside nesta incerteza.

Passadas as conceituações necessárias para entendermos os acontecimentos “irreais” e “absurdos” que aqui serão explanados e debatidos, foquemos na temática central do trabalho: as mudanças sofridas por Alice, presentes durante toda a história – todas de cunho fantasioso, visto que para um ser humano, do ponto de vista biológico, é impossível aumentar e diminuir significativamente de estatura em questão de segundos – e que são catalizadoras de diversas atitudes de Alice no decorrer da obra. Tais transformações podem ser compreendidas como metáforas que admitem diversas interpretações, estas sendo totalmente dependentes do ponto de vista do leitor.

Logo no capítulo inicial do livro, intitulado *Pela toca do Coelho*, depois de uma queda bastante demorada, Alice se depara com uma garrafa escrita “BEBA-ME”:

Alice se arriscou a provar e, achando o gosto muito bom (na verdade, era uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga), deu cabo dela num instante. “Que sensação estranha!”, disse Alice; “Devo estar encolhendo como um telescópio!”. E estava mesmo: agora só tinha vinte e cinco centímetros de altura [...]”. (CARROLL, 2010, p. 20)

Imagine só! Alice diminui repentinamente sua estatura, e isso a leva para experiências novas e inacreditáveis, e é a pedra de toque para as mudanças de tamanho da personagem diversas outras vezes no decorrer da narrativa. Chamamos atenção especial à parte, um pouco mais a frente, em que ela come o bolinho no qual que está escrito “COMA-ME” e, dessa vez, fica tão grande a ponto de ocupar toda a toca do coelho. Chora, chora, chora, e depois, ao encolher novamente, é capaz de nadar nas lágrimas que chorou quando estava gigante. Não é curioso?

Pode não fazer sentido nenhum para você, até agora, que nós tenhamos escolhido falar das mudanças de estatura de Alice, mas ao nosso ver, pode ser uma metáfora empregada pelo autor que assume diversas interpretações. As mudanças de tamanho de Alice podem representar tanto a sua mudança de mentalidade constante – pois a cada página, se depara com aprendizados novos e ela deve ficar se ajustando às situações absurdas com as quais se vê de frente – quanto a sua incerteza em relação ao que é, onde está e o que quer.

Esta última interpretação pode ser depreendida ao lermos, no capítulo cinco, *Conselho de uma Lagarta*, o diálogo de Alice com a lagarta encontrada no topo do cogumelo:

“Quem é você?” perguntou a lagarta. Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu... mal sei, Sir, nesse exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei pela manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.” (CARROLL, 2010, p. 45)

Percebemos que Alice não se conhece mais, não sabe mais quem é, e isto é motivo de angústia para a garota. De forma mais ampla, é uma angústia do ser humano em geral e, como Alice, buscamos incessantemente caminhos, atitudes para respondermos aos nossos questionamentos internos.

Desde o início da humanidade, enquanto coletivo, o ser humano busca respostas às dúvidas que martirizam a sua existência, e enquanto indivíduo, o ser humano nunca deixa de se questionar sobre quem é. Depois do diálogo, a Lagarta oferece à Alice um cogumelo que a fará ter o tamanho que deseja, podendo ser uma metáfora para as “soluções” que encontramos no mundo para definir quem somos e nos trazer paz, baseados na ideia ilusória de que temos algum controle:

Passado algum tempo, lembrou-se de que ainda tinha pedaços dos cogumelos nas mãos, e pôs-se ao trabalho com muita aplicação, mordiscando primeiro um e depois o outro, ficando às vezes mais alta e às vezes mais baixa, até conseguir se ajustar à altura normal. (...) “Como todas essas mudanças desorientam! Nunca sei ao certo o que vou ser de um minuto para o outro! (CARROLL, 2010, p. 89).

Tal qual nós, seres humanos, que nos deparamos constantemente com mudanças e ficamos desorientados, o melhor que Alice pode fazer é adaptar-se a essas incertezas e seguir se aventurando. O curioso é que, no mesmo minuto (ainda no capítulo cinco), Alice se depara com uma casinha pequena e decide mudar de altura de novo para caber lá: se reduz novamente, dessa vez a 22 centímetros de altura! Indecisa, não? Isso pode fazer referência ao ser humano que, quando acha que está estável e de mente feita, se vê novamente mudando de ideia e tomando atitudes controversas. O ser humano está em constante transformação, e às vezes não importa quão forte sejam nossas opiniões ou certezas sobre determinado assunto, podemos sempre mudar de ideia e

enxergar as coisas sob outra perspectiva, ou tomar uma atitude que antes nos parecia impossível, se a situação nos obrigar.

Logo, a incapacidade de Alice de decidir quem é e o que pensa atinge todo ser humano em algum (ou em muitos) ponto da vida, provando, mais uma vez, que a literatura é representação – mesmo sendo figurada – da vida real.

Ainda nesse sentido, as transformações pelas quais passamos não excluem os feitos anteriores, quando éramos outras versões de nós. E tal fato é muito bem exemplificado na parte da obra em que Alice – gigante – chora e chora, e acaba por formar uma poça de lágrimas, e ao encolher, Alice se vê nadando na poça. Nesse sentido, podemos inferir que as pessoas têm que lidar com as consequências de suas atitudes passadas, não importa se no momento você já é outra versão de você. Outra interpretação passível para essa situação seria: tudo depende do ponto de vista. Para a Alice grande, são apenas lágrimas, já para a Alice pequena, é um rio inteiro!

As inseguranças de Alice sobre quem é – e a representação de tais inseguranças dadas por suas constantes mudanças – encontram sua antítese na persona do Chapeleiro Maluco, um dos personagens mais enigmáticos (e interessante) da obra. Seguido de perto pelo Gato de Cheshire, o Chapeleiro se contrapõe à Alice neste ponto: ele não muda, não gosta de mudanças e está estagnado. É outra representação de atitudes causadas pelas inseguranças humanas, abordadas de outra ótica. No caso do Chapeleiro, ele não consegue mudar e está preso na mesma situação, num chá da tarde eterno devido a sua briga com o tempo (que ele afirma ser não uma coisa, mas sim um Senhor). Quantas pessoas conhecemos que estão, tal qual o Chapeleiro, culpando o tempo por estarem estagnadas na vida?

Ainda analisando as críticas realizadas por Carroll através da personagem do Chapeleiro, no capítulo sete, *Um chá maluco*, o autor zomba de uma atitude social cotidiana por meio deste diálogo:

Para dizer a verdade, agora que você perguntou...” disse Alice, cada vez mais confusa, “eu não sei se...”
 “Então não deveria dizer nada”, disse o Chapeleiro.”
 Essa grosseria foi mais do que Alice podia suportar: levantou-se revoltadíssima e foi embora[...] (CARROLL, 2010, p. 127)

A fala cortante do Chapeleiro, que inclusive deixa Alice magoada e indignada, pode ser interpretada como um julgamento às pessoas que não sabem o que estão dizendo, mas continuam falando. Não raro observamos isto no dia a dia. O raciocínio é simples e lógico: se não sabe do que está falando, é melhor não falar nada.

Outra alegoria utilizada por Carroll, acima introduzida quando exposto o conceito de nonsense, é o emprego da sociedade surreal do País das Maravilhas, com sua diversidade de personagens lunáticos, raivosos, absurdos, irracionais e fatais para representar a nossa sociedade/humanidade do mundo real.

Sob essa visão, podemos observar a crítica que ele faz à sociedade e seus componentes, metaforizando a altercação entre loucura e maldade, entre dúvida e absolutismo. Esta interpretação pode ser lida no decorrer de toda a narrativa, mas destacamos aqui o diálogo entre Alice e o Gato de Cheshire, no capítulo seis, *Porco e Pimenta*, quando Alice está deixando a casa da duquesa:

[...] “Mas eu não quero me meter com gente louca” Alice observou.
 “Oh! É inevitável”, disse o Gato; “somos todos loucos aqui. Eu sou louco.
 Você é louca.”
 “Como sabe que sou louca?” perguntou Alice.
 “Só pode ser”, respondeu o Gato, “ou não teria vindo parar aqui.”
 Alice não achava que isso provasse coisa alguma; apesar disso, continuou: “E como sabe que você é louco?” [...] (CARROLL, 2010, p. 105-106).

Portanto, pela resposta do Gato de Cheshire, depreendemos que a metáfora de Carroll é para todos os integrantes da sociedade e que, devido ao ambiente em que estamos inseridos, é impossível escapar dessa loucura generalizada. É engraçado, entretanto, observar que o Gato, ao contrário de Alice, não trata tal loucura como algo ruim (perda da razão), mas sim como algo inevitável. Nos faz pensar que sem essa loucura não haveria surpresas.

Sob outra ótica, poderia também ser uma metáfora que representa uma parcela da população, os imaginadores e sonhadores, e, por isso, são considerados “loucos” pelo gato, como não raro a nossa sociedade costuma taxar os artistas, os sensíveis, os criativos ou as pessoas à frente de seu tempo.

De qualquer forma, a loucura apontada pelo Gato é outra “característica” que Alice absorve para conceituar a si mesma, outra mudança de mentalidade para a qual tentará encontrar sentido.

Ainda nesta busca por sentido, Carroll é genial ao retratar a busca infrutífera da humanidade por respostas aos questionamentos que acompanham o ser humano desde as suas origens na frase do Chapeleiro: *“Porque um corvo se parece com uma escrivanhinha?”*. Ninguém consegue responder, nem mesmo quem faz a pergunta, o que faz nos faz refletir se, com esse “enigma”, o autor não quis retratar tais indagações filosóficas.

Como supracitado, existem inúmeras interpretações para as diversas alogias que acontecem a Alice ou nas que ela presencia. Assim, *Alice no País das Maravilhas* é o tipo de livro que pode ser observado de diversos pontos de vista e, dificilmente, conseguiremos decifrar se algum está errado ou o que o autor realmente quis retratar quando escreveu.

Portanto, essa é uma obra que, para fazer sentido, depende muito de quem está lendo. Isso em nada tira o mérito da criação, muito pelo contrário, pois é consagrada, aclamada e estudada nas mais diversas áreas justamente por todos os pontos de vista dos quais pode ser analisada, além da atemporalidade que perpassa a obra. As mudanças de Alice são o tema em específico desse ensaio pois, no capítulo dois, Carroll (2010, p. 30) escreve Alice a se questionar: *“Mas se não sou a mesma, a próxima pergunta é ‘Afim de contas, quem sou eu?’ Ah, este é o grande enigma!”*. E, pensamos nós, não estamos todos nós nos questionando o mesmo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução original coordenada por Alfredo Bossi; revisada e estendida por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Editora Zahar, 2010.

LINDEMANN, John Lennon. O nonsense de Lewis Carroll. **Perspectiva Filosófica**, vol. 47, n. 2, 2020.

LORENZO, Isabel de. Introdução. In: CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. 2ª ed. São Paulo: Objetivo, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica** [1970]. 4. ed., 3ª reimp.
São Paulo: Perspectiva, 2017

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UM OLHAR PARA A CRIANÇA EM FORMAÇÃO

“Nos jardins da memória... no Palácio dos sonhos... é lá que nós dois vamos nos encontrar. Mas um sonho não é realidade. Quem pode dizer qual é qual?” (Chapeleiro e Alice)

Francisco Dheyson Moraes de Sousa (UEMA)

A literatura Infantojuvenil se configura a partir de meados do século XVIII, quando passa a entender o conceito de infância, fazendo uma valorização dos sujeitos crianças como alguém que está em processo de formação. O que não acontecia até esse momento da história humana, pois a criança era vista como um *“adulto em miniatura*, cujo período de imaturidade (infância) deve ser encurtado o mais rapidamente possível” (COELHO, 2000, p. 23; grifo no original).

Tendo isso em vista, pode-se concluir que as produções literárias para esse público necessitavam de adequação quanto aos caminhos de uma obra que levasse em consideração as características próprias para uma criança em formação. Nesse sentido, a partir desse novo olhar sobre o público leitor, o infante ganhou uma notoriedade em relação às publicações de livros, com personagens agradáveis aos olhos dos pequenos, mas que também cumprissem a função pedagógica que está atrelada a essas produções desde as suas origens.

Seguindo esse pressuposto, é notória a relevância desse tipo de literatura para as crianças, pois a partir do conto maravilhoso nessa perspectiva, percebe-se que o desenvolvimento e a criatividade passam por levar em consideração o mundo fictício, como fonte de formar seres pensantes e conhecedores do mundo real e imaginário. Adquirir experiência com essas histórias amplia o ideal da fantasia que possibilita uma sensibilidade enquanto conhecedor de mundo.

Sobre o mundo imaginário e sua importância para o desenvolvimento da imaginação da criança, para a pesquisadora Lígia Cademartori (1986) afirma que:

O mundo fictício dos contos de fadas, da magia, dos finais felizes, expresso nos livros infantis, possibilita às crianças a idealizarem um mundo de paz, sonhos, amor e brincadeiras. A leitura proporciona uma fuga da realidade, penetrando-se em um mundo em que se torna o

personagem com o qual ele mais acredita se identificar (CADEMARTORI, 1986, p. 54).

Ao que tange esse mundo fictício e fantástico descrito pela autora, verifica-se que as crianças conseguem vivenciar diferentes formas para sua vida, sem falar que esse tipo de leitura fortalece os laços afetivos, além de acarretar a manifestação do imaginário positivamente.

Nessa perspectiva, a literatura infantil resgata, em muitos casos, a essência do ser criança em todos os sentidos; a magia e o fantástico acabam suprimindo a necessidade da criança em buscar seu verdadeiro ideal. São essas obras, com personagens determinados a buscar a compreensão de mundo que caem no gosto das crianças, sendo que, de alguma forma, acabam ensinando-as a encarar seus próprios medos, uma vez que:

A literatura infantil oferece a possibilidade de a criança conhecer e interagir com as diferentes culturas e ter contato com este objeto carregado de significados, imaginação, valores, histórias. Os conflitos veiculados nas obras têm o poder de mexer com os medos, alegrias e sentimentos que, muitas vezes, os pequeninos ainda não conseguem expressar oralmente, mas por meio da escuta, da interação com o livro – palavras e imagens constroem a leitura do mundo ao seu redor (PINTO, 2018, p. 42).

Assim sendo, ao ter contato com a leitura e escuta de contos na infância, as crianças descobrem que são sujeitos capazes de viver experiências quanto à imaginação dos personagens descritos na obra, ou seja, compreendem que essas narrativas podem ser fundamentais para sua vida, que está em formação. Há um longo caminho a seguir, contudo, percebe que se aquele personagem conseguiu, elas também conseguem.

Dessa maneira, o intuito aqui foi apenas o de reforçar a importância da literatura infantil para as crianças. Em seguida, será colocada em pauta a obra com o título de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, para uma breve reflexão sobre como esta influencia no contexto de ampliação do imaginário dos pequenos. A sua função está direcionada a olhar para um ideal de mundo em que uma menina, Alice, pode viver entre dois lugares, sendo estes o real e imaginário.

O clássico da literatura voltada para o público infantil, *Alice no País das Maravilhas*, foi publicada em 1865, e é uma obra que traz como enredo a história

da pequena Alice numa perspectiva de criança interessada em conhecer as coisas e ampliar as possibilidades de horizonte. De acordo com Borges (2010),

A história de Alice no País das Maravilhas originou-se em 1862, quando Carroll fazia um passeio de barco no rio Tâmesa com sua amiga Alice Pleasance Liddell (com 10 anos na época) e as suas duas irmãs, sendo as três filhas do reitor da Christ Church. Ele começou a contar uma história que deu origem à atual, sobre uma menina chamada Alice que ia parar a um mundo fantástico após cair numa toca de um coelho. A Alice da vida real gostou tanto da história que pediu que Carroll a escrevesse. (BORGES, 2010, p. 4)

É, pois, uma história que tem a gênese na própria participação das crianças. Baseada numa situação que faz parte da vida do autor. Ainda segundo a autora: “a obra se tornou um grande sucesso, tendo sido lida por Oscar Wilde e pela rainha Vitória e tendo sido traduzida para mais de 50 línguas” (BORGES, 2010, p. 4), mostrando todo um potencial, atemporal, de construção de sentidos.

Como pontua Izabel Lorenzo, “os livros de Alice prestam-se facilmente a qualquer tipo de interpretação simbólica-política, metafísica e freudiana” (LORENZO, 2002, p. 8). Ou seja, é uma obra que enriquece a visão de muitas crianças, que acabam identificando com o maravilhoso visto no cotidiano. Os aspectos inseridos na linguagem e na leitura motivam o pensamento e curiosidade em conhecer a história da menina Alice, que se torna uma personagem fiel para a leitura.

A obra em si conta a história de Alice como uma menina que se encontra num dia entediante, vê um coelho (de colete, olhando para um relógio) chama sua atenção e esta sai em busca do coelho que entra em uma toca. É a partir dessa perseguição que a menina cai em um poço profundo, no qual ela poderá encontrar um salão com portas que a levam para um mundo desconhecido, daí o título da obra.

Nesse sentido, Alice é uma personagem que consegue experimentar diversas situações ao longo da história, o que traz maior possibilidade das crianças se imaginarem naquele mundo. A ideia do cotidiano inserido com o universo mágico que é encontrado em *Alice no País das Maravilhas* redireciona o processo de entretenimento, além de proporcionar o conhecimento do público infantil a respeito de sua identificação com a literatura.

Vale ressaltar que a obra utiliza de muitos estilos próprios do autor Lewis Carroll, já que este narra um país cheio de personagens fictícios, com

características próprias, até mesmo curiosas, que contracenam com a personagem principal. O autor também escreve sobre os obstáculos que a menina irá encontrar naquele lugar, como é o caso da Rainha de Copas (representando o mal).

Dessa maneira, se percebe que *Alice no País das Maravilhas* é uma narrativa preocupada com o uso de personagens, cujo enfoque condiz com as metamorfoses e as metáforas, consolidando assim as características de cada personagem encontrado na obra.

Quando as crianças conhecem a narrativa de forma minuciosa, elas logo se identificam com a obra por inteiro, é o ideal dos pequenos, já que, conseqüentemente, acabam por ter admiração e gosto pela história. Aprecia-se a descoberta de algo novo, sendo fiel com a essência do mundo mágico em sua totalidade. A realidade fica sensibilizada para acreditar que tudo é possível.

Refletindo sobre a formação da criança, Vilela e Dorta acreditam que:

os compromissos e a formação intelectual devem ser dosados com as necessidades de brincar, fantasiar, criar livremente. [...] Sendo importante trabalhar a criticidade, a criatividade, o raciocínio lógico e a capacidade de refletir. (VILELA; DORTA, 2010, p. 637)

Logo, a obra em estudo, *Alice no País das Maravilhas*, se sobrepõe por favorecer esse momento da criança com o imaginário, onde a imaginação frui para um mundo mágico, cheio de possibilidades e encantamento, ampliado pelo nonsense. Para Lorenzo (2010),

[...] caracterizado pelo emprego do absurdo, o nonsense é uma forma literária que, por meio da subversão da linguagem, revela diversos níveis de crítica: crítica às normas naturais que regem nossa vida, crítica à sociedade conservadora e moralista daquela época, crítica da própria linguagem. São manifestações do nonsense: as brincadeiras com a lógica, a exploração dos vários sentidos das palavras, as situações absurdas, a impressão de um mundo de pernas para o ar (LORENZO, 2000, p. 12).

Assim sendo, Lewis Carroll, em *Alice no País das Maravilhas*, se utiliza do maravilhoso como também o uso do estilo nonsense (caracterizado pelo absurdo, o ilógico, de difícil significação). Esse estilo permeia boa parte de suas obras. Nessa obra, o autor conseguiu inserir o jogo de ideias, consolidando

ainda mais o aspecto ficcional da narrativa. Com estas representações é possível que as crianças façam um jogo entre o que é real ou não.

A criança sente curiosidade em descobrir como a personagem Alice irá enfrentar os obstáculos impostos dentro da narrativa. Para melhor dizer, Alice ensina que as dificuldades podem ser encaradas quando se vislumbra à liberdade. Ao mesmo tempo, ela representa a criança que persiste, se questionando sobre a vida. Nesse caso, a personagem é como um espelho que reflete para as crianças o sentido de descobrir tentando, protagonizando a própria história.

Para as crianças, a apresentação do mágico e fantástico interfere de forma significativa, levando em conta o sentido desse ser um sujeito que está se formando e que carece de atenção do público adulto. A presença do conto maravilhoso na vida de uma criança causa esperança quanto ao desvendar as concepções do lógico e ilógico, dessa maneira, cabe ao autor essa mentalidade de produzir obras que representem algo, tendo em vista a amplitude do imaginário e o cuidado com a caracterização dos personagens que serão encontrados dentro da narrativa.

Nessa perspectiva, a obra *Alice no País das Maravilhas* tem grande relevância para a infância, pois coloca na criança a ideia de se guiar em seu próprio caminho, tirando proveito da leitura da obra. Com a personagem Alice vivenciando um mundo novo, desconhecido, compreende-se, através das interpretações, como esse tipo de narrativa torna-se fundamental à literatura infantojuvenil.

Ao que confere à fantasia para as crianças, vale destacar que a obra se faz fundamental, por facilitar o desenvolvimento ligado ao exercício da mente. Um texto literário por si só já consegue resgatar o equilíbrio da mente, pois é tudo tão leve que, diga-se de passagem, é tudo um divisor de águas pelo fato de garantir que as crianças consigam construir um conhecimento mais aguçado sobre algumas discussões necessárias, que se encontram, muitas vezes, nos textos infantis.

O prazer que uma obra infantil desperta nas crianças pode assumir fundamental papel, porque transmite momentos de paz, onde o mundo maravilhoso está inserido com propósito de aproveitar a essência da infância. Segundo Coelho (2008), a literatura infantil pode representar um mundo para

onde o imaginário e o real são fortemente fundidos a uma representação do desenvolvimento da criatividade a fim de criar arte.

O universo infantil possibilita muitas oportunidades e grandes resultados, pois transfere reflexões na construção da experiência das crianças ao agir no mundo de maneira positiva. As aventuras que se concentram dentro das histórias tornam-se essenciais para a formação de leitores, pois estes assumem com outros olhos o olhar para a literatura de modo geral.

A obra de *Alice no País das Maravilhas* já encanta logo pelo seu título, que possui um significado já próprio do imaginário das crianças, ou seja, o título da obra evidencia por si só que as crianças conhecerão uma criança vivendo situações que podem influenciar muito na sua formação. A Alice, do início da leitura, não vai ser a mesma Alice do final da leitura, logo as situações vividas em toda a narrativa contribuem para as mudanças da menina. O mesmo acontece com as crianças que leem a obra.

O que se pode pontuar sobre o ato de refletir é que tudo isso se deseja a partir do momento em que as crianças são incentivadas pelos adultos, pois são apresentadas novas perspectivas a respeito da leitura e sua importância. Tudo parte do incentivo de que deve ser assegurado a toda criança que está começando a viver experiências da infância.

O modo que o livro influencia na infância diz respeito às discussões que cercam o conhecimento da criança como sujeito em formação. Fazer um apanhado da condição do pequeno pode favorecer muito para o que se espera das publicações a essa faixa etária, que corresponde gradativamente sobre as propostas de formar crianças pensantes e atuantes das suas próprias histórias. É o contato com o mundo real e imaginário que desencadeia as particularidades do ser, que pode simbolizar.

Por fim, vale destacar que as discussões apresentadas nesta produção foram de cunho pensado para ter conhecimento do modo de como as crianças devem ser vistas, é muito importante afirmar que a infância é uma parte essencial da formação do indivíduo, e a leitura chega com intuito de promover esse contato dos pequenos com as diversas formas de se compreender o mundo. Ser criança é poder vivenciar muitas experiências, algo que torna a vida prazerosa e cheia de encantos ao imaginar diferentes histórias como é a história de *Alice no País das Maravilhas*.

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil?** 2ª ed – São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 1986.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho.** Introdução e notas Martin Gardner. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LORENZO, Isabel de. Introdução. In: CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas.** Trad. Isabel de Lorenzo. 2ª ed. São Paulo: Objetivo, 2000.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2008.

PINTO, M. L. A. **Interação de bebês com livros literários.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul - PPGEdu/UCS, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/3764>>. Acesso em 29 ago 2020.

VILELA, Silva Denise; DORTA, Deiziele. **O que é “desenvolver o raciocínio lógico?” Considerações a partir do livro Alice no País das Maravilhas.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.91, n.229, p.634-651, set./dez. 2010.

O PEQUENO PRÍNCIPE E A DIFUSÃO DO IMAGINÁRIO: ENTRE OS LIMITES DA CATEGORIZAÇÃO

Edson Araújo de Oliveira Filho (UEMA)

A literatura infantil é uma forma de representação que, à princípio, não era dedicada às crianças. As narrativas que o homem contava se adequavam mais para a realidade do público adulto, de modo que essas produções eram acompanhadas de críticas a respeito de fatores da sociedade, e não se restringiam ao papel de despertar o imaginário das crianças, mas, possuíam sua função social de criticar os principais problemas sociais de um dado contexto. Assim, não havia filtro quanto à temáticas ou formas de narrá-las

Nesse cenário, desde sua origem até à Idade Média, com a asensão da classe burguesa, as histórias voltadas para o adulto eram narradas para a criança, sem nenhum filtro ou preocupação. Isso porque não havia a definição de infância como a conhecemos hoje. Como diz a estudiosa Nelly Coelho, “a criança era vista como um *“adulto em miniatura, cujo período de imaturidade (infância) deve ser encurtado o mais rapidamente possível”* (COELHO, 2000, p. 23; grifo no original).

Um caso interessante é do livro *O Pequeno Príncipe (Le Petit Prince)*, do autor francês Antoine de Saint-Exupéry, publicado pela primeira vez em 1943, e que, ainda hoje, encanta crianças e adultos. O livro, um dos mais traduzidos no mundo, conta a história de um piloto de que cai em um lugar deserto, de onde passa a narrar suas aventuras. Na história, ganha destaque a amizade entre um homem chateado porque ninguém compreende os seus desenhos, considerados sem nenhum sentido, com um príncipezinho que mora no espaço.

Na dedicatória da obra, o autor descreve a quem destina o livro e de modo sucinto “A Léon Werth. Peço perdão às crianças por dedicar este livro a uma pessoa grande”. Em um primeiro contato com essa dedicatória, é comum interrogar-se por que dedicar esse livro infantil a um adulto? Quem é esse adulto? No final de sua dedicatória, Antoine de Saint-Exupéry faz uma nova correção, justificando a escolha: “corrijo, portanto, a dedicatória: “A Léon Werth quando ele era pequeno” (SAINT-EXUPÉRY, 2018).

No contexto real, Léon é o seu melhor amigo. Desse modo, ele utiliza Léon como o personagem principal de sua narrativa que dialogará com o Pequeno Príncipe durante o decorrer do livro. Por mais que essa dedicatória aborde a figura de Léon, como o destinatário, justificado pelo fato de um dia ele, assim como os demais adultos, ter sido criança, essa produção não fica limitada ao público leitor adulto, mas permanece abrangendo todo o público geral. Desse modo, afirma Peter Hunt:

Cada vez mais sou da opinião de que não existem mais livros para criança. Eles são um conceito inventado por motivos comerciais e mantido pela tendência humana de classificar e rotular. O autor [...] escreve o que está dentro de si precisar sair. Às vezes o que ele escreve terá ressonância nas inclinações e interesses dos jovens, outras vezes não. (CROUCH *apud* HUNT, 2015, p. 77)

Nos dias atuais, é perceptível as críticas que o público leitor adulto vem sofrendo quando mencionam suas leituras em mídias sociais, principalmente quando essas leituras são classificadas ou dedicadas ao público infantil. Um exemplo claro é quando um adulto menciona, na internet, que está fazendo a leitura do livro *O Pequeno Príncipe*; automaticamente, os juízes da internet iniciam o processo de validação sobre o aprendizado que a obra pode ofertar a quem ler.

Em relação à obra *O Pequeno Príncipe*, esse processo de validação é gritante, pois, a maioria do público julga que a obra é válida quando lida para o público infantil. Contudo, ao analisar a obra, nota-se que ela se adequa não somente à necessidade do público infantil.

Portanto, estabelecem-se esses pré-conceitos em relação à necessidade de leitura da obra. Por mais que o título e as ilustrações provoquem essa noção de formação imaginária da infância, o próprio livro discorre sobre abundantes reflexões que norteiam todas as etapas da vida, é o existencialismo que permeia todo a narrativa. Ensinações de como cativar aquilo que ama, de como cuidar e zelar. Observa-se, no diálogo a seguir, da raposa com o príncipezinho:

E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim.
Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras

raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo. (SAINT- EXUPÉRY, 2018, p. 66).

Essa abordagem, quando vista por uma perspectiva do público infantil, deslumbra a atenção das crianças por conta desses diálogos com os personagens que se constroem na narrativa, como a raposa que busca ser inserida e criar amizade com aquele príncipezinho, e o príncipe que, apesar de não entender bem as intenções da raposa, aceita esse convite de amizade.

Na perspectiva adulta, há uma produção de sentidos sobre esse diálogo que depende integralmente de como cada um faz a atribuição de sentidos sobre a visão poética e moral da obra, principalmente quando miramos nessas relações líquidas da contemporaneidade, em que não existem laços firmes e nem responsabilidades emocionais com o outro.

Essas reflexões englobam todo o público – infantil ou adulto. Portanto, a obra *O Pequeno Príncipe* não se restringe ao campo da categorização de um público. Seus ensinamentos assentam desde ao processo de infância ao de velhice, visto que, por mais que essas pessoas tenham vivenciado diversas experiências, não se permitiram responsabilizar-se com os outros e viveram imerso em relações superficiais.

Outro ponto importante que faz, de fato, a abertura da narração da obra é a presença da formação do imaginário infantil e adulto, principalmente nas divergentes visões sobre a figura que o Léon desenha para as pessoas com quem convive. Esse desenho originou-se após o personagem ler um livro sobre a Floresta Virgem. Com isso, ele tenta representar aquilo que entendeu e faz o uso da pintura para representar essa jibóia que comia sem mastigar uma fera. É notório a imagem e a percepção de mundo que Léon possuía, de modo que, ao ler sobre essa jibóia que comia uma fera, ele faz essa associação naturalmente, o que poderia ser essa fera? Ele desenha a jibóia comendo um elefante. Uma criança, ao olhar esse primeiro trecho, poderia deduzir que essa fera poderia ser outro animal.

No trecho a seguir, é possível ver essa principal divergência na formação imaginária das crianças e adultos na obra:

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo. Responderam-me: “Por que um chapéu daria medo?”. Meu desenho não representava um chapéu.

Representava uma jibóia digerindo um elefante. (SAINT-EXUPÉRY, 2018, p. 8)

Contudo, naquele contexto, somente aquele que desenhou sabia o que de fato era o desenho. Podemos olhar essa pintura como meio de expressão do garoto e, novamente, ele tenta mostrar um segundo desenho; desta vez ele fez um desenho do interior, na tentativa de alcançar a compreensão dos adultos, porém, é neste momento que é aconselhado a deixar sua carreira de pintor, tudo isto aos 6 anos.

Propomos olhar *O Pequeno Príncipe* não com o objetivo de categorizar a obra e decidir seu público leitor, pois, arriscamos desencorajar a criança que há em nós e àquelas que estão conosco no cotidiano, as nossas crianças. Aquilo que definimos sem sentido, faz muito sentido para o outro. Léon não teve essa oportunidade enquanto criança quando perto dos adultos, só posteriormente que ele passou a ser compreendido.

“Tive então que escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei por quase todas as regiões do mundo.” (SAINT-EXUPÉRY, 2018, p.8). É a partir dessa nova experiência de reinventar-se que ele começa a trilhar uma nova narrativa de sua vida. Contudo, certo dia, quando voava sobre o deserto do Saara, o motor do avião deixou de funcionar, ocasionando o pouso forçado no deserto.

Uma das características comuns da literatura infantil são essas aventuras e desafios que os personagens tendem a viver, despertando nos pequenos leitores o interesse de acompanhar essas aventuras, pois, aquela criança que ler uma obra que narra uma viagem ou alguma aventura, naturalmente passa pelo processo de identificação, ou de desejo, nos termos Bruno Bettelheim (2002). Em síntese, o leitor se reconhece naquela personagem e tende a sentir todas as emoções e a torcer pelo personagem, mesmo que ele já saiba o final da história.

Na obra *O Pequeno Príncipe* não é diferente. Durante essa descida inesperada ao deserto do Saara, ele encontra um ser desconhecido e muito pequeno, com uma voz incomum. A única informação que ele falava era pedindo um desenho, um carneiro. Léon, antes de atender o pedido, explica a frustração anterior, ao empenhar-se em desenhar uma jibóia e o elefante, mas,

apesar disso, realiza o desenho solicitado. Contudo, já com anseio de ser frustrado novamente, ele faz o desenho da jibóia fechada, na expectativa de o Pequeno Príncipe atribuir outro significado a imagem, diferente do que foi realmente desenhado, no caso a jibóia fechada. Porém, o que ele não imaginava é que o Pequeno Príncipe seria capaz de compreender aquela pintura, de forma, que replicou:

– Não! Não! Eu não quero um elefante numa jibóia. A jibóia é uma criatura perigosa e o elefante é muito pesado e espaçoso... Onde eu moro é tudo muito pequeno. O que preciso é de um carneiro, me desenhe um carneiro. (SAINT-EXUPÉRY, 2018, p.12).

É a partir desse diálogo é que a narrativa sobre o imaginário se fortalece, dado que, durante as tentativas de desenhar o carneiro, sempre fazia e refazia o desenho pedido pelo Pequeno Príncipe. Na primeira tentativa, ele fez o desenho da jibóia e o elefante, e o personagem rebate dizendo que queria um carneiro, não aquele de uma jiboia com elefante; na segunda tentativa, ele faz um carneiro, porém, o Pequeno Príncipe afirma que o carneiro desenhado estava muito doente; na terceira tentativa, fez um carneiro com chifres e o príncipezinho rebateu que aquilo era um bode com chifres; na quarta vez, ele faz um carneiro e o pequeno príncipe afirma que está muito velho, e nada o agradava.

Já sem paciência, Léon faz um último desenho, rabisca uma caixa, dizendo que o carneiro estaria dentro dela, já sem expectativa de agradar o Pequeno Príncipe e, nesse momento, ele é surpreendido, pois o príncipezinho fala: " – Era assim mesmo que eu queria!" (SAINT-EXUPÉRY, 2018, p. 13).

A pesquisadora Nelly Coelho afirma o seguinte sobre a literatura infantil e o mundo imaginário que engloba crianças e adultos:

É a arte, um fenômeno de criatividade, representando o mundo, o homem e a vida através de palavras. A literatura representa para crianças e adultos, o mágico, a fantasia, sendo a comunicação real para o mundo imaginário. (COELHO, 2012, p. 10).

Dessa forma, acredita-se que a literatura infantil é essencial para essa difusão do imaginário enquanto leitores, ao olhar a presente obra nota-se que a relação entre o real (as frustrações que o personagem Léon sofre) e o

imaginário (as possibilidades de ser quem ele quisesse ser) estão alinhadas na mesma produção de sentidos. Portanto, a presença do real não exclui a necessidade do imaginário, mas exercem uma espécie de cumplicidade entre as duas dimensões. Léon estava focado em sua realidade enquanto pintor iniciante (frustrado), em desenhar os carneiros. Contudo, no decorrer desse processo de refazer o desenho, chega-se ao seu ponto máximo de esgotamento, até que, ao perceber que o pequeno príncipe era muito exigente, ele decide desenhar somente uma caixa, afirmando que o carneiro estava dentro desta, saindo dessa noção de real e entrando na noção do imaginário. Neste momento, tanto ele quanto o pequeno príncipe trabalham o imaginário em relação àquela caixa, e começam a projetar o carneiro na caixa, focando em um lindo carneiro e pequeno acompanhado com o seu capim.

A concepção de infância que encontramos na obra *O Pequeno Príncipe* contempla uma infância madura, visto que a narrativa inicia com León tentando aprovações sobre o seu desenho, que representava uma jibóia engolindo um elefante. Todavia, nota-se que ele, desde muito cedo, possuía o anseio de ser um pintor, o que abandonou aos 6 anos, por falta de aprovação dos adultos em relação a sua produção.

O livro é bastante detalhista ao descrever esses momentos. Há dois pontos divergentes nesta narrativa que contribuem para o desenrolar da trama: as concepções de pessoas grandes e pequenas e a distinção temporal deste dos universos imaginários, que se cruzam no decorrer da narrativa: León, que vive no plano real, na vida cotidiana dos adultos; e o Pequeno Príncipe, que vive no planeta denominado asteroide B 612, onde tudo é pequeno, mas, ainda com problemas sociais como é o caso dos baobás.

Apresentamos duas dimensões dessa obra: o momento que norteia essa afirmação é quando o pequeno príncipe, em um diálogo com o León, interroga sobre a necessidade dos espinhos das flores e o León o responde de qualquer jeito, sem prestar a devida atenção, fazendo com que o Pequeno Príncipe afirme "-Tu falas como as pessoas grandes! Senti um pouco de vergonha" (SAINT-EXUPÉRY, 2018, p. 26), promovendo essa reflexão sobre essas divergentes formas de agir.

Há uma crítica que vai além ao acontecimento desse trecho, mas um ensinamento que deve ser levado para vida: o modo como tratamos as

pessoas. É sobre como cultivamos as relações, como acolhemos as singularidades de cada ser. O zelo e o cuidar do Pequeno Príncipe com sua rosa faz dela especial, por mais que existissem milhares de rosas, aquela foi a que ele cultivou. No planeta B 612, a principal preocupação do príncipezinho era defender seu planeta da expansão dos baobás. No planeta do Léon (o nosso, o real) qual seria as ameaças?

Repleto de entusiasmo, iniciava as aventuras de descobertas de novos asteróides. O primeiro asteroide era o 325, habitado por um rei simples e generoso, o rei que não possuía ninguém para governar, pois, vivia sozinho. De modo que, ao encontrar o Pequeno Príncipe, dispensou qualquer tipo de solenidade, acolhendo até mesmo os bocejos do Pequeno Príncipe, portanto, para o rei aquilo era raro, pois, era o único em planeta.

No próximo planeta, o B 326 encontrou, a figura do vaidoso, que esperava ser aclamado pelo o Pequeno Príncipe e somente conseguia escutar elogios sobre si. Assim foi embora o Pequeno Príncipe para o próximo planeta, o B 327, habitado por um bêbado. O bêbado é questionado por que razão vivia dessa forma, declarou que bebia para fugir da realidade de si, assim foi embora o Pequeno Príncipe, achando mais bizarro ainda.

No quarto planeta, o B 328, encontrou o homem de negócios, que esqueceu de viver as possibilidades da vida em virtude dos negócios. O quinto planeta era habitado pelo o lampião. O planeta era tão pequeno que o lampião acendia e apagava muito rápido; o lampião exercia, sem sentido algum, essa tarefa.

O sexto planeta era habitado por um geógrafo e o Pequeno Príncipe o interroga sobre a existência de flores naquele planeta, pois, a rosa que tanto amava estava ameaçada. O geógrafo indicou o planeta Terra por ter vários exemplares naquele planeta.

Assim, o Pequeno Príncipe continuou sua viagem. Ao chegar na Terra, encontrou milhares de exemplares, mas nenhum era como sua rosa, pois essa é única para ele, devido ao processo diário de cuidados. O Pequeno Príncipe, ao cair em si, desaba em lágrimas ao descobrir que diante daquele jardim, nenhuma rosa era igual à que ele tanto cultivou em seu planeta.

À guisa de conclusão, é necessário ler a obra *O Pequeno Príncipe* com as lentes da sensibilidade, não visando classificá-la a um público específico,

isto é, restringir a expansão da obra a demais leitores. Essa obra poética e filosófica propõe uma série de reflexões que devem ser lidas por olhares sensíveis e abertos as esses ensinamentos apresentadas no decorrer da narrativa, sobretudo, aos ensinamentos morais que abarcam os relacionamentos líquidos de nossa sociedade. Visto que o Pequeno Príncipe faz toda essa viagem a vários países em busca de um exemplar de sua rosa, pois, a que ele possuía em seu planeta estava se desgastando, perdendo os espinhos. Ao chegar nesse países, ele encontrava milhares de rosas, mas nenhuma igual à que possuía, pois, essa que foi cativada.

A narrativa engloba toda essas necessidades morais da sociedade, de modo que desde os personagens menos expressivos aos mais importantes da sociedade, foram pautados nesta obra. Sendo representados pelas as figuras que habitavam cada planeta, fazendo uma crítica sobre suas personalidades, tais como o rei que governava sem reinado, um homem de negócios quem não tinha tempo para viver e aproveitar os frutos de seu trabalho e o vaidoso que só escutava a si mesmo e era incapaz de escutar algo que não fosse elogios sobre si.

Desse modo, em cada planeta que o Pequeno Príncipe visitou, ele exerceu uma crítica a tais posicionamentos, classificando-os como estranhos. Estes ensinamentos se aplicam para além de um público específico. A criança que ler o Pequeno Príncipe, ler e é transformada, aprende a lição de cativar a singularidade; o adulto que ler o Pequeno Príncipe tem a possibilidade de refletir e olhar suas relações cotidianas de outra forma.

Caro leitor-amigo, nossa viagem literária chegou ao fim, que bom que você esteve conosco até aqui. Deixo-vos a seguinte reflexão que tomo de empréstido de um certo príncipezinho de tão, tão distante: "Foi o tempo que perdeste com tua rosa que a fez tão importante". (SAINT-EXUPÉRY, 2018, p.72)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BETTELHEIM. Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: Símbolos, mitos, arquétipos.** Editora Paulinas, 2012.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2008.

DE SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe.** Editora HarperCollins, 2018.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil.** Editora Cosac Naify, 2015.

A AUSÊNCIA DA INFÂNCIA DA CRIANÇA NEGRA NO CONTO *NEGRINHA*, DE MONTEIRO LOBATO

Myrelly de Mello Morais (UEMA)

A infância é o período de crescimento que vai do nascimento até a puberdade. As crianças, assim como todos os seres humanos, necessitam de um contato social. Além disso, são dependentes de algo mágico e fantasioso, contudo, nem sempre a criança foi vista dessa maneira. A concepção de infância entre os séculos XII e XVI era muito diferente da noção que temos atualmente. A criança era vista como um miniadulto, não possuía, portanto, um tratamento diferencial, um cuidado com sua formação intelectual ou social. Então era permitido fazer tudo na frente dessa criança. Assim, o

[...] período de imaturidade (a infância) deve ser encurtado o mais rapidamente possível. Daí a educação rigidamente disciplinadora e punitiva; e a literatura exemplar que procurava levar o pequeno leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas "adultas" (COELHO, 2000, pg. 23).

Com as mudanças sociais que ocorreram nos séculos XVII e XVIII, refletidas pelo surgimento da burguesia, a concepção de infância é transformada. Acompanha esse momento o surgimento da escola, uma certa preocupação com a formação desses indivíduos. Essa criança, agora vista como um sujeito em formação, começa a frequentar a escola. E a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo (COELHO, 2000, p. 16).

Quando voltamos nosso olhar para o Brasil nos séculos XVII e XVIII, percebemos que a situação é bem diferente dos outros países. A escravidão estava presente, massacrando a vida de muitos negros em nosso país, ainda que posteriormente passasse a ser proibida. Eles não possuíam direito à escolaridade, viviam em situações precárias nas senzalas e eram submetidos a trabalhos braçais, incluindo crianças já nasciam fadadas a esse destino.

É, pois, um caso importante a ser pensado: como essas crianças são representadas pelo viés da literatura infantil. Portanto, o objetivo desse ensaio é apresentar a ausência da infância na obra *Negrinha*, do escritor brasileiro Monteiro Lobato. Além disso, vamos refletir fatores como a infância em si, a falta

da infância de crianças escravas no Brasil, a escravidão dos negros no Brasil, tudo isso relacionado à obra *Negrinha*, de Monteiro Lobato. Vamos perceber como todos esses aspectos estão interligados em uma coisa só e como é essencial discussões como essa.

A obra *Negrinha* é dolorosa, mas destaca a realidade daquela época, onde os filhos dos escravos (muitas vezes ainda crianças) sofriam as mesmas dores dos adultos, algo quase não humano olhando para a realidade deles. A obra foi publicada pela primeira vez em 1920, no livro de contos *Negrinha*, que também trazia os contos *O colocador de pronomes*, *O drama da geada*, *O jardineiro Timóteo*, *Fitas da Vida* e *O Bugio moqueado*.

A narrativa traz a história de uma menina que “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.” (LOBATO, 1920, p. 1), como é apresentada pelo autor.

Isso mostra a visão que eles tinham da criança, nesse caso, especificamente da criança negra e escrava. As concepções medievais da criança como miniadulto ainda estavam presentes no meio escravocrata e é bem evidente no conto:

Assim cresceu negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a idéia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. [...] O corpo de Negrinha era tatuado de sinais roxos, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa, todos os dias, houvesse ou não motivo. A sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. (LOBATO, 2008, p. 1)

Na passagem do texto, observamos que negrinha era constantemente maltratada, e não somente de forma física e, como consequência, seu próprio desenvolvimento psicomotor ficava comprometido. Ademais, em outros trechos também é explícita a inexistência do amor e do carinho para com essa criança que sofre sempre maus-tratos pela Dona Inácia:

Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste... (LOBATO, 2008, p. 1)

A criança, que já não tinha nome – era apenas negrinha - também não pode nem ao menos usufruir do apelido que achara bonito, não davam nem esse pequeno prazer para ela. A menina levava essa vida sem mágica, sem a alegria e os prazeres de ser uma criança de verdade. Ela também não tinha consciência de que existia essa criança que brinca, que corre, que vai para a escola, que possui realmente uma vida, pois tudo isso era mantido longe da órfã. Ela descobre essa existência da infância em seu total significado, com brincadeiras, brinquedos, a alegria e a vivacidade de uma criança de verdade, quando as sobrinhas da patroa ficam hospedadas na casa.

Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromperem pela casa adentro como dois anjos do céu, alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo. Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. (LOBATO, 2008, p. 3).

Que felicidade era aquela que outrora a menina nunca tinha visto? Era a felicidade pura de uma criança. Ela estranhou imediatamente que a patroa não tivesse feito nada com as meninas e apenas sorria diante delas. Dona Inácia, que antes não suportava nenhuma criança, demonstrava alegria por ter visto as sobrinhas. A órfã ainda se pergunta se é crime brincar, porque nunca foi permitida usufruir de qualquer brincadeira. A menina sentiu que todo o seu sofrimento tinha acabado e agora chegaria o momento da felicidade.

No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga”? Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral —sofrimento novo que se vinha crescer aos já

conhecidos — a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre. (LOBATO, 2008, p.3)

Para Vygotsky (1991) o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois os processos de simbolização e de representação a levam ao pensamento abstrato. Negrinha sentiu a dor, não do desprezo e nem a dor física, mas da angústia de não poder ser criança e brincar, viver como uma criança, longe de tanto sofrimento e tortura. Contudo, também existia essa vontade de descobrir o novo que vinha juntamente com as sobrinhas de Dona Inácia.

A criança não entendia aquela situação: “Como seria bom brincar! — refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco” (LOBATO, 1920, p. 3). Embora proibida da brincadeira, a imaginação infantil lhe permitia um único brinquedo: o cuco, marcador do tempo. Ela observava-o toda vez que estava no castigo ordenado pela patroa, e lá passava muitas horas. Apesar de o ver em momentos tristes como esses, achava uma graça e o tinha como um momento de divertimento em meio à turbulência. Contudo, não falava para ninguém, era um sentimento clandestino, pois, se descoberto, dona Inácia poderia tirar até esse momento dela. Além do mais, poderiam encontrar outros castigos para sua vida.

— Meus brinquedos! — reclamaram as duas meninas. Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos. Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia... Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial. (LOBATO, 2008, p. 3)

Na obra não mostra outras crianças (além de negrinha e as sobrinhas de Dona Inácia), mas brinquedos como esse eram de posse de crianças ricas, tais como as sobrinhas de dona Inácia; pessoas como Negrinha estavam totalmente excluídas. A menina surpreendeu-se com os brinquedos. Em que momento viu tal coisa semelhante? Nem ao menos sabia da existência deles, pois sua vida em situação de escravidão e pobreza não permitia tais “luxos”. Quando se deparou com a boneca, sua emoção foi comovente, pois nunca tinha visto uma boneca, nem sabia que aquilo se chamava assim:

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la. As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue! (LOBATO, 2008, p. 3)

Nesse trecho percebe-se os sentimentos puros da infância aflorados na órfã, ela esquece até mesmo dos castigos excruciantes que a patroa lhe aplicava, e o encanto tomou conta do momento entre ela e a boneca. Pode-se ressaltar a inocência das outras crianças, essas que estavam alheias as maldades presentes naquela sociedade, mesmo sorrindo da ingenuidade de Negrinha. As sobrinhas da patroa se surpreendem com a menina, justamente por ela não conhecer o que era uma boneca. Esses brinquedos não são desconhecidos entre as crianças no meio social delas, todas as meninas sabiam da existência de bonecas e de diversos outros brinquedos.

Segundo o filósofo Jean-Jacques Rousseau, “o ser humano nasce bom, a sociedade o corrompe”, Dona Inácia foi também uma criança dotada de ingenuidade, assim como suas sobrinhas, mas acabou sendo corrompida pela maldade do homem, maldade essa que é carregada de racismo e de crueldade humana.

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar à patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena. Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se. Ao percebê-la na sala, Negrinha tremera, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente, e hipóteses de castigos piores ainda. E incoercíveis lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos. (LOBATO, 2008, p. 3)

Apesar de ter medo de Dona Inácia, a menina não pode resistir e pegou a boneca. A felicidade em sua total plenitude tomou conta dela que nunca tinha tido oportunidade de sentir nada semelhante em sua existência. A patroa observou a cena e seu coração pela primeira vez teve misericórdia da menina. Quando notou presença da patroa, seu pavor foi tanto quanto a alegria de pegar em uma boneca pela primeira vez. E encheu os olhos de lágrimas com medo dos castigos que certamente viriam. Entretanto,

O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:
— Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein? Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nela a fera antiga. Compreendeu e sorriu-se. (LOBATO, 2008, p. 4)

Aquele momento e todos os outros seguintes foram regados de felicidades, brincadeiras, bonecas e dias ensolarados no jardim. Contudo, foram esses momentos que trouxeram a consciência de que ela já não era mais uma coisa, era um ser humano. No universo da infância, “Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo.” (LOBATO, 2008, p. 4)

Quando as meninas foram embora, Negrinha percebeu que seria difícil voltar para o velho sofrimento e a crueldade da escravidão. Mesmo que a situação também tenha se modificado – ela já não apanhava tanto – Negrinha viu ser retirado tudo de maravilhoso que vivera nessas férias, com a boneca; sendo criança pela primeira vez. E uma grande tristeza tomou conta daquele corpinho magro e sofrido.

O desfecho do conto é totalmente previsível:

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada. (LOBATO, 2008, p. 4)

Negrinha morreu como muitas crianças negras escravizadas no Brasil: abandonadas e desprezadas, desamparadas. A personagem do conto morreu apegando-se aos últimos e únicos momentos felizes de sua vida. A escravidão

não optava somente por adultos, mas também por crianças como Negrinha, essa que nem ao menos possuía um nome, mas sim um apelido pejorativo. Crianças como ela não tinham acesso e direito a nada na sociedade, o tratamento dispensado aos negros adultos eram os mesmos para as crianças, que dificilmente chegavam à idade adulta.

E da Negrinha, a menina que nunca tinha visto uma boneca, restaram somente duas lembranças: na memória das meninas ricas, que sorriam da ingenuidade de Negrinha; e a outra de dona Inácia, para quem Negrinha era “boa para um cocre!...”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 7ª edição. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Editora Globo S.A. 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Editora Universidade de Brasília – Brasília/DF; Editora Ática – São Paulo/SP – 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS PARA O IMAGINÁRIO INFANTIL

Ilene Maria Pereira da Silva (UEMA)

Os contos de fadas como conhecemos hoje, com esse aspecto fantasioso, o lúdico e o maravilhoso que se encontra nos contos surgiu da necessidade de minimizar enredos polêmicos de uma época em que a civilização não se tinha o conceito que atualmente conhecemos: a infância.

Como aponta Coelho (2000), no final do século XVII, na França, a primeira coletânea de contos infantis foi publicada durante o reinado de Luís XIV. As Fábulas, de La Fontaine; os Contos da Mãe Gansa, de Charles Perrault; os Contos de fadas de Mme. D' Aulnoy e Telêmaco, de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil, tal como hoje o conhecemos.

Os principais autores de contos de fadas foram Charles Perrault (com "O Gato de Botas", "A Bela Adormecida" dentre outros), Jacob e William Grimm, mais conhecidos como irmãos Grimm, ambos linguistas, que reescreveram e publicaram várias fábulas infantis (Alemanha). Esses contos, com algumas modificações, também foram reescritos pelo dinamarquês Hans Christian Andersen (com "O Patinho Feio", "A Pequena Sereia"), dentre outros.

Os contos de fadas surgiram através de textos da Antiguidade Clássica, como por exemplo, na tradição oral. Desde muito tempo, são assim considerados os contos de fadas uma literatura atrativa, que desperta esse encantamento tanto nas crianças como também aos adultos, que resulta muito na valorização da fantasia e da imaginação, além de serem bastante compreensíveis por conta da sua estruturação e por apresentar uma linguagem metafórica. Assim sendo, as histórias vêm a facilitar o desenvolvimento do raciocínio, do senso crítico, tanto da atenção como da criatividade e da efetividade nos pequenos leitores.

Um dos primeiros caminhos para passar conhecimento como em estimular a imaginação das crianças, é justamente fazer com que ela esteja familiarizada com os contos de fadas, já que esse contato vai incentivar de diversas formas a criatividade. Levando em conta que o primeiro contato das crianças com a literatura é por meio dos contos de fadas sendo tanto apresentadas por minoria das vezes no seio familiar e em sua maioria nos

primeiros anos da educação infantil, e é exatamente desses incentivos que vai surgindo o interesse delas por essas histórias, despertando assim a curiosidade pelo desconhecido.

De acordo com Coelho (2002), é principalmente no período inicial da infância que a literatura, e especialmente, os contos de fadas, vem a ser fundamental para colaborar no conhecimento da criança, tanto em relação ao âmbito social ao qual está inserida quanto em relação a si mesma.

Nesse sentido, percebe-se a influência e a importância dos contos de fadas desde a primeira infância para o imaginário infantil. Desse modo, os livros de literatura devem ser apresentados às crianças como forma de desenvolver seu intelecto como também em estimular suas emoções que, por conseguinte, favoreça o interesse pela leitura.

O texto infantil possibilita, através desse contato com os contos de fadas, o desenvolvimento da imaginação, da criação e da percepção de mundo através das possíveis compreensões, bem como promove uma ampliação de experiências, como a construção de uma personalidade e a socialização.

Cada história apresenta uma mensagem, um roteiro, um “padrão” básico de qualquer narrativa, ou seja, situações de equilíbrio e desequilíbrio, que vão se modificando e provocando a passagem de uma situação ou outra, acontecendo assim o poder mágico de prender a atenção das crianças, além da descrição detalhada fazer com que o ouvinte ou leitor possa, assim, através do uso da sua imaginação, visualizar, por exemplo, a grama verdinha ali descrita, ou a existência de um novo mundo por meio de um espelho, ou até mesmo a questionar-se sobre os acontecimentos ali presentes como: de qual forma a princesa será salva pelo príncipe? Como o herói vai sair de tal situação conflituosa? Quem vai salvar o bichinho que se perdeu da família?

A narrativa fará com que a criança exercite tanto a questão da causa e efeito, quanto também a questão da memorização, pois, com o desenrolar da história, ela vai relembrando os acontecimentos anteriores, os conflitos, as maldades, as situações que foram sendo solucionadas pelos personagens, fazendo com que a criança fique mais interessada pelo enredo, gravando seus elementos e cada detalhe que vai fazendo com que a história seja mais atraente e mágica, fazendo com que as crianças sejam convidadas e instigadas a criarem

e a usar ainda mais da sua imaginação, bem como em se identificar em alguns casos apresentados nessa narrativa.

Sobre isso, o Bruno Bettelheim afirma que:

O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo. Por esta razão, os contos de fadas são tão conviventes para ela. Ela pode obter consolo muito maior em um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vistas adultos. Uma criança confia no que o conto de fada diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 1903, p. 59)

Nessa perspectiva, podemos inferir que a criança precisa de estímulo para facilitar a aprendizagem, e nada melhor que os contos de fadas para auxiliar que essa questão seja melhor desenvolvida, já que as histórias são ótimos portadores e transmissão de valores, pois apresenta contexto e fatos abstratos difíceis de serem propagados isoladamente, além de estimular e ajudar a criança a melhor se expressar. Nessa fase, a criança está vivendo um mundo paralelo, com várias possibilidades reais e imaginárias. E através dessa interação com o conto de fadas, a criança tem a oportunidade de brincar e entender os mistérios da vida.

É um traço dos contos de fadas colocarem um dilema existencial de forma breve e categórico como: o estado da carência afetiva, bem e mal, diferenças, fraquezas, conflitos no ambiente familiar, dentre outros, que anulam a tranquilidade inicial e que, no decorrer das narrativas, vai se mostrando a busca de soluções. No plano da fantasia, com a apresentação de elementos mágicos, e no desfecho da narrativa vai se tendo a restauração da ordem, facilitando a criança a aprender sobre as adversidades de uma forma mais leve. Diferentemente de uma trama com maior complexidade, pois faria com que a criança confundisse o assunto.

Ou seja, os contos são de fato um aliado para ajudar a simplificar certos dilemas complexos de diferentes formas, de modo que a criança compreenda de fato o que ali foi abordado. As fantasias contidas nos contos são de suma importância para o desenvolvimento infantil, através de histórias como: *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *Patinho Feio*, *O Pequeno Príncipe*, dentre tantos outros personagens presentes nessas histórias, podem auxiliar as

crianças a se tornarem mais confiantes, esperançosas, sensíveis. Daí a importância da fantasia, do lúdico para o desenvolvimento imaginário da criança.

Coelho (2002) afirma que é importante ser apresentado nessa fase da infância livros que representem elementos, tanto do seu mundo familiar quanto desse mundo mágico, às crianças. Contos esses que reproduzam situações familiares, bem como apresentem o maravilhoso, em que se tenha animais que falam, fadas, reis, bruxas, princesas, em que se apresente os sentimentos e condutas básicas como lealdade, justiça, amor, beleza dentre outros, e que essas histórias abordem “situações” bem clara.

Portanto, a fantasia contida nos contos de fadas facilita a compreensão das crianças em diversos dilemas, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo, já que ainda não compreendem respostas tão realistas.

É importante não esquecer de que, em certa fase de desenvolvimento, a criança dá vida a tudo. Segundo Bettelheim (2002) a criança não tem essa “linha” que separa de forma clara os objetos das coisas vivas, ou seja, qualquer coisa que ela queira que tenha vida, terá vida, e essa vida será muito parecida com a nossa.

E quando a criança entra nesse mundo da fantasia e da imaginação de um conto de fadas, ela consegue elaborar resoluções de seus problemas e transformar sua própria realidade. Além de ocorrer esse interesse ainda mais por esse mundo da leitura que não deixa de ser importante em todas as etapas da vida.

Vale acentuar, que a criança necessita viver essas experiências e será melhor aproveitado se acontecer esse contato logo cedo. Além disso, é preciso também que sejam oferecidas sugestões simbólicas sobre como lidar com essas questões da vida para que a criança possa se desenvolver. E esses contos apresentados serão uma ferramenta a mais para essa criança em seus dilemas, e ainda será um incentivo para ser um leitor assíduo.

É incrível o quanto a imaginação é importante para o desenvolvimento integral das crianças, pois, por meio da imaginação, difunde-se valores que podem assim auxiliá-la, tanto na formação da sua personalidade como em ajudar a superar medos e enfrentar circunstâncias difíceis, vivenciadas no seu cotidiano. E uma criança sem esse contato, perderá toda essa oportunidade de

desenvolver melhor suas questões emocionais e sua imaginação, como também em trabalhar sua criatividade, oportunizando a exploração de novas ideias.

A fantasia ocupa um lugar importante na primeira fase da infância, pois facilita a compreensão das informações, ou seja, essa magia contida nesses contos se aproxima da forma como elas veem o mundo. Isso ocorre porque a arte fertiliza a imaginação das crianças.

Salientamos, portanto, que é muito importante que a criança tenha acesso a contos de fadas na infância, seja pela família ou pela escola. Isso será importante para seu desenvolvimento, pois através das emoções e do prazer que essas histórias vierem a proporcionar a elas, trará inúmeros benefícios ao longo desse processo de leitura e de descoberta que os livros nos proporcionam; além de trabalhar todo esse mecanismo da nossa imaginação, sendo capaz de nos levar a visitar lugares e histórias que, por muitas vezes, se encaixam nos nossos dilemas, conseguindo tanto amenizar anseios como nos fazer sentir novas sensações e aprendizados.

Referências

ARRUDA, Andréia Menegon; LOPES, Shirlen Regina; SCHORNOBAY, Silvana Reifur. O mundo encantado da literatura infantil. **Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano, Nº. 000000**, v. 16, n. 10, 2014.

BETTELHEIM, Bruno, 1903. **A psicanálise contos de fada**. Trad. de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**: história, teoria, análise; das origens Orientais ao Brasil de hoje. São Paulo: Quíron, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil, das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Quíron, 1985.

FARIAS, Franci Renna Aguiar de; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Literatura infantil**: a contribuição dos contos de fadas para a construção do imaginário infantil. 2012.

NASCIMENTO, Mary Celina Barbosa do, LOPES, Telma Jannuzzi da Silva. **O imaginário infantil**: a importância dos contos de fadas no desenvolvimento da criança. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2021.

MARTINS, Fernanda Maria Sousa; et al. **A Importância dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário das Crianças na Educação Infantil**. IV CEDUCE - Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2015.

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTIL: POR QUE É TÃO IMPORTANTE?

Mateus Lima Nascimento (UEMA)

O preconceito contra o negro e sua cultura esteve presente durante a colonização do Brasil, e perpassou esse período chegando até os dias atuais. O Brasil é um país conhecido mundialmente pela sua diversidade cultural. Em contraposição a isso, é uma nação cuja sociedade está embasada em uma visão eurocêntrica, desprezando, muitas vezes – quase sempre, a ideia do evidente pluralismo étnico-cultural.

A história do Brasil é marcada pelo sofrimento e desumanidade voltados para a figura negra. Instaurou-se nessa sociedade o imaginário de que essa população era inferior, no campo social e psíquico, em comparação as demais raças presentes no território brasileiro, advindas do processo de colonização. Em relação a isso, Giarola comunica:

As teorias raciais apresentaram-se no século XIX como um discurso científico que buscava explicar as diferenças entre os grupos humanos, distanciando-se cada vez mais dos dogmas religiosos. Serviram como legitimadoras do imperialismo europeu, possibilitando a hierarquização da humanidade de forma que o homem branco ocupasse o topo da evolução da espécie, símbolo maior do progresso e da civilização. Essas ideias tiveram ampla difusão na sociedade europeia e não tardaram a se espalhar pelo mundo, ganhando adeptos nos Estados Unidos, Argentina, Brasil, entre outros. (GIAROLA, 2010, p. 7)

No início do século XX, após a abolição da escravatura no Brasil, algumas representações de negros começam a aparecer na literatura. À princípio, não relacionadas à importante contribuição cultural dos afrodescendentes para a história de nosso país, mas sim, com suas trajetórias de sofrimento e dor.

A figura do negro era praticamente inexistente nos livros antes disso e, obviamente, não havia qualquer tipo de preocupação com a criança negra. O que se viu foram preocupações relacionadas ao *status* da elite e à manutenção de uma versão idealizante de um Brasil equilibrado, moralista, cujos filhos, trabalhadores, e cujas famílias, bem constituídas, teriam livros e escolas que

reforçassem esse padrão europeu de sucesso e de organização (SILVA e SILVA, 2011).

Assim, as autoras afirmam que, com o país em ascensão econômica, os adultos e crianças pobres eram praticamente invisíveis. Para o negro era ainda pior, pois mesmo com o “fim” da escravidão, o preconceito racial ainda era muito marcante. O mercado literário era intimamente ligado à classe dominante, como até hoje é.

Até a segunda metade do século XX, os personagens negros presentes na literatura brasileira não eram apresentados como protagonistas e nem possuíam papel de destaque na narrativa. Estavam sempre presentes como coadjuvantes e ganhavam, segundo Gouvêa (2005), nomes que firmavam a cor de sua pele, como: negrinho, negrinha, o preto, a pretinha, entre outros, reduzindo a pessoa negra a cor de sua pele e aos estereótipos atribuídos a esta parte da sociedade.

Os personagens negros que foram surgindo nas narrativas literárias eram, em sua maioria, representados por pretos e pretas velhas. Os jovens negros raramente apareciam nessas narrativas, pelo fato da existência de um grande estereótipo que cercava este grupo o qual era visto como “perigoso, ladrão, mendigo, um reflexo da sociedade negra urbana, pós abolicionismo” (FARIAS *apud* SILVA e SILVA, 2009).

Nas obras literárias, basicamente, não havia personagens negros até o modernismo. Segundo Gouvêa (2005, p.79), “nas obras produzidas até a década de 1920, os personagens negros eram ausentes ou remetidos ao recente passado escravocrata”.

Na literatura infantil há, sem dúvidas, uma disparidade no que diz respeito às questões de gênero e raça. Nos contos de fadas, os protagonistas são em sua maioria representados por figuras brancas, de cabelos lisos e loiros. Com isso, arquétipos de beleza tornam-se símbolos de comportamento social, trazendo, em muitos casos, prejuízos à autoestima das crianças negras.

De acordo com Zambon (2009), a criança, baseada nos estereótipos que lhe é sugerido de que o bem sempre vence, e de que as figuras heroicas dos livros são loiras, brancas e de olhos azuis, delineia um perfil dos seus ídolos. A partir dessa construção, é determinante que tudo que estiver fora das condições

pré-estabelecidas como condição de ser não seja considerado normal ou de valor.

A literatura infantil tem o poder grandioso de adentrar os territórios subjetivo das crianças. Por isso, é importante que se tenha cada dia mais acesso aos livros que apresentem a figura negra como protagonista das obras. Assim, todas as crianças poderão se sentir representadas, identificar-se com esses personagens, criando uma visão de mundo mais ampla e realista, desconstruindo a representação dessas figuras sendo retratadas como coadjuvantes e estando sempre na posição de empregados, remetendo ao recente passado escravocrata (FARIAS, 2018).

Atualmente, a literatura infantil tem se preocupado quanto a criação de obras que valorizem identidade negra e mais importante, que tratem sobre fatores histórico-culturais, que vão além do passado escravocrata.

A representação do negro ganha uma nova roupagem a partir dos anos 1980. Em conformidade com Castilho (2004), este movimento se deu a partir de estudos e pesquisas feitas no ambiente acadêmico e literário, juntamente com os movimentos a favor da não-discriminação, visando a reconstrução da imagem do negro tanto no campo literário quanto no social. Desde lá, autores tem se esforçado para construir narrativas que desfaçam esses estereótipos negativos na literatura infantil, que foram fortalecidos por tanto tempo, buscando trazer a representatividade para crianças negras, valorizando as suas tradições e contribuindo para formação da identidade negra na infância.

A falta de pessoas negras na literatura infantil acaba acarretando sérias consequências no imaginário da criança. Em conformidade com Silva e Silva (2009), a literatura infantil é importante para romper com a visão estereotipada, deturpada e preconceituosa sobre a população negra, perspectiva que contribui para o fortalecimento de uma ordem social desigual. Por essa razão, há a necessidade da representação do negro nas histórias infantis como forma de valorizar principalmente tradições e aspectos físicos.

A literatura africana e afro-brasileira nas escolas

A escola é um espaço heterogêneo por excelência. Nela, o contato com o outro é inevitável, permitindo a construção do conhecimento por meio de trocas e de diálogos entre costumes e culturas diferentes, mesmo que de forma

inconsciente. Por outro lado, muitas vezes, este mesmo ambiente escolar, acolhedor das diferenças, também consolida preconceitos e intolerâncias, evidenciadas no cotidiano escolar, nas brincadeiras, nas piadas e no descaso com situações de desrespeito ao outro (GONÇALO, 2015).

A inclusão, em termos oficiais, da temática afro-brasileira nos conteúdos curriculares do sistema educacional brasileiro, aconteceu em 09 de janeiro de 2003, quando entrou em vigor a Lei Federal 10.639, que determina a obrigatoriedade de aplicação dos estudos acerca da História e Cultura Afro-brasileira, de Língua Portuguesa e suas Literaturas. Por meio dessa, lei a história e a cultura afro-brasileira ganhou mais visibilidade e suporte em defesa da presença africana na formação brasileira. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil:

[...] a pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, valores, etc. que caracterizam a população brasileira... portadora de um vasto repertório que se constitui em material rico e farto para o exercício do diálogo, aprendizagem com a diferença, a não discriminação e as atitudes não preconceituosas. [...] (RCN, 1998, p. 77)

Na educação básica, há poucos avanços em relação aos estudos sobre a história do continente africano, evidenciando, assim, a negligência em relação à cultura africana e afro-brasileira, principalmente nos livros didáticos que trazem poucas referências de temas relevantes sobre a África (LEITE, 2009).

O fato é que ignorar essas influências seria negar as próprias raízes. Com a inclusão dessas literaturas, objetiva-se novos paradigmas de valorização e respeito da diversidade sociocultural. Trazendo aos estudantes a oportunidade de ter contato com produções artísticas com as quais eles poderão se identificar. Com a literatura, é possível proporcionar a conscientização por meio de práticas desenvolvidas na escola, pois, quanto mais cedo a criança tiver contato com textos literários afro-brasileiros e participar de discussões a respeito do tema, ela poderá se tornar propagadora de ideais de tolerância, de autoaceitação, aceitação do outro e respeito às diferenças étnico-cultural existentes no espaço escolar e na sociedade brasileira.

Por meio da literatura, pode-se proporcionar a conscientização através de práticas desenvolvidas na escola que incentivem os alunos a lutarem contra qualquer tipo de preconceito, “a literatura é um oportuno instrumento de auxílio

na formação, à ‘medida que confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175 *apud* SOUSA, PEREIRA, SALDANHA & MARINHO).

A arte literária é uma necessidade humana que surge da necessidade de conhecer o outro e a si mesmo. Através da literatura é possível ter contato com sentimentos, sons, odores, sabores, transportar-se para outras épocas, colocar-se em outro contexto social e no lugar do outro. Compreendendo melhor suas alegrias, dores, seus sentimentos mais íntimos, e dessa forma compreender melhor sua própria origem e o mundo que o cerca.

Em relação a isso, o pesquisador Rildo Cosson afirma que a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita pela palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia, são formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizem a nós mesmos (COSSON *apud* GONÇALO, 2015)

É interessante que essas literaturas adentrem cada vez mais às instituições escolares e os lares das crianças, não só das crianças negras, mas no geral, pois todas elas devem ter acesso a essas narrativas, pois é uma temática que diz respeito a uma parcela da população, mas que atinge toda a sociedade. Sendo assim, todos devem ser conscientizados de seus atos, sejam eles bons ou ruins.

Obras como *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado; *Bruna e a galinha d’angola*, de Gercilga d’Almeida; *Felicidade não tem cor*, de Júlio Emílio Braz; *Bucala: a princesa do quilombo do cabula*, de Davi Nunes; *Meu crespo é de rainha, as tranças*, de Bintou de Silvyane A. Diouf; *O menino Nito*, de Sonia Rosa; *Betina*, de Nilma Lino Gomes; *Amoras*, de Emicida; *Sulwe*, de Lupita Nyong’o, são exemplos de livros infantis que retratam a figura negra de forma positiva, atuando como meio de combate ao racismo, fortalecimento da cultura africana e afro-brasileira, enaltecimento dos fenótipos negros, resgatando a valorização da estética negra, evidenciando a importância da ancestralidade dentro no contexto social e familiar das crianças.

São temas importantes e necessários para serem debatidos, estudados e refletidos. Perpassando qualquer tipo de intolerância, de preconceito, de discriminação, desfazendo estereótipos e fortalecendo a equidade, a igualdade e a empatia na sociedade brasileira, que tanto carece desses sentimentos, utilizando a literatura infantil como ferramenta chave para a autoaceitação e aceitação do outro, caminhando assim para uma transformação sociocultural.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1. p. 103-113, 2004

FARIAS, Jéssica Oliveira. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, 2018.

GIAROLA, Flávio Raimundo. Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico. **História e-História**, v. SM, p. 1-21, 2010.

GONÇALO, Sandra Regina Pereira. **A presença da literatura afro-brasileira na escola: uma proposta de intervenção para as aulas de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental/ Sandra Regina Pereira Gonçalves-Mamanguape-PB**, 2015.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 2005.

LEITE, Lilian Lopez. **Inserção da história e literaturas africanas de língua portuguesa nos Estudos Literários**. Disponível em www.uniandrade.com.br/revista/pdf/2009-/2009_v10_. Pdf. Acesso em 22 de maio de 2022.

SILVA, Maria Jaciara dos Santos; SILVA, Graziella Moura da Silva. **Representatividade negra na literatura infantil: experiência de contação de história em biblioteca comunitária na periferia de Olinda**. 2020.

SOUZA, Irary André Lima de; PEREIRA, Sibelle Praxedes; SALDANHA, Angélica Fabiana Linhares; MARINHO, Ana Cristina. (orientadora) – **A Literatura infanto-juvenil africana e afro-brasileira: desafios contra estereótipos saturados**. (UFPB) Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.3, n. 2, 2014.

ZAMBON, Sueli Aparecida. **Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis**. Revista Gestão Universitária. Monografia (especialização). São Carlos, 2009.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTUJOVENIL NA CONSTRUÇÃO DO HÁBITO LITERÁRIO DO ESTUDANTE: A ESCOLA COMO PROPULSORA DO HÁBITO LITERÁRIO NO DISCENTE.

Maiara Cristina Pereira da Silva (UEMA)

O presente trabalho possui por intuito refletir sobre a importância da literatura infantojuvenil na caminhada educacional de um estudante e suas contribuições na formação de um indivíduo pensante, com hábito literário aguçado e contínuo. Buscando, por meio da escola e de suas metodologias, as formas de incentivo necessárias para o início e permanência nesta jornada, e criação desse vínculo entre aluno e hábito literário para que o interesse por leituras e literaturas seja despertado desde o início da caminhada escolar e se perpetue além da vida acadêmica.

Analisar a relevância do uso da literatura infantojuvenil na escola da atualidade é de suma importância, pois a maioria dos estudantes, após sair do Ensino Fundamental, perde completamente o interesse por leituras e passa a ver a literatura como algo chato e enfadonho no decorrer da sua jornada educacional.

Segundo os dados obtidos através da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil Edição 5º de 2020¹, realizada pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, 71% das crianças de 5 a 10 anos e 81% dos pré-adolescentes, cuja idade varia de 11 a 13 anos, têm o hábito de ler. Porém, há uma tendência de queda a partir da faixa etária posterior, que engloba os adolescentes, fase que dura dos 14 aos 17 anos.

Tendo em vista os dados exibidos pela pesquisa, vale ressaltar que os adolescentes após saírem do ensino fundamental, não se veem mais na obrigação de realizar leituras contínuas por gosto próprio, e quando são orientados pela escola, a realizar leituras obrigatórias, pouquíssimos realmente as fazem, e isso se torna um fato preocupante tanto para as formações futuras destes indivíduo quanto para a sua trajetória cotidiana no presente, pois há a

¹ Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em 08 de junho 2022.

extrema necessidade de ler no dia escolar, e também há a necessidade de interpretar, que só é possível, por meio do desenvolvimento de um leitor assíduo.

Nesse sentido, este trabalho vai se desenvolver em torno da necessidade de amplas metodologias de incentivo que sejam aplicadas no âmbito escolar e em volta da literatura infantojuvenil, a fim de desenvolver no aluno um hábito literário que não se perca ao longo do trajeto e nem seja esquecido na sua bagagem, mas seja um conhecimento firmado para a toda vida. E essa construção desse hábito literário se faz justamente dentro das séries fundamentais do ensino básico. É o momento mais adequado para a formação desse leitor tanto crítico como assíduo.

Fazer uso da literatura infantojuvenil em sala pode significar impulsionar, de certa forma, o desejo por leituras e abrir novos horizontes para a apreciação de literaturas que possam se tornar fundamentais na vida de um estudante. É dever da escola e do corpo docente criar um ambiente propício para realização de leituras adequadas, de acordo com o desenvolvimento etário do aluno e, ainda, fazer com que as leituras colocadas para os mesmos sejam debatidas entre eles, na intenção de que haja sempre uma boa interação entre os estudantes, uma troca de conhecimento sobre suas experiências lidas ao decorrer do seu crescimento.

Nessa direção, a escola, como propulsora de iniciação ao mundo literário, tem fortes chances de formar uma geração de leitores críticos com uma maneira de pensamento gigantesco a respeito de seus desejos futuro e de suas funções como indivíduos, que serão inseridos numa sociedade em que terão direito de pensar, criticar, dar opiniões, de serem seres humanos ativos, com capacidade de expor suas ideias.

A leitura abre portas para mudanças na sociedade, tornando-a um lugar melhor. Em contraponto, o indivíduo que não desenvolve esse hábito literário tornar-se um ser passivo em meio às regras e às imposições da sociedade atual.

O ambiente escolar como estimulador das práticas literárias.

É fato que desde cedo tem-se a visão da escola como um lugar cotidiano, que possui capacidade e obrigação de influenciar nas boas práticas

educacionais, tornando um indivíduo capaz de integrar de maneira correta a sociedade e desempenhar de forma adequada o seu papel de cidadão atuante.

Tendo em vista tais responsabilidades impostas à escola, há também a necessidade desse ambiente ser um gerador de leitores, com um bom hábito literário, que se sintam influenciados pelo corpo docente da escola e que vejam nesse mesmo contexto (no meio escolar), um ambiente de onde possam tirar experiências literárias marcantes e, da mesma forma, trazer novas experiências obtidas fora do âmbito educacional, criando, assim, um vínculo entre aluno e instituição de ensino, onde o principal foco é tornar as experiências literárias conhecidas e compartilhadas entre todos.

Uma leitura boa leitura é interessante e traz benefícios ao discente. Porém, uma leitura bem realizada e compartilhada com os demais torna-se um ciclo infinito de conhecimento partilhado, em que o leitor que primeiro expôs suas vivências literárias e as dividiu com os demais colegas sempre irá em buscar de novas práticas literárias para novamente poder compartilhá-las. Mais memorável do que realizar a leitura de um bom livro, é poder contar sobre o tal e impulsionar alguém a fazê-lo também.

Grande parte das crianças é filha de pais analfabetos ou semianalfabetos, ou seja, voltando para casa elas não têm com quem discutir suas lições. E nem mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes um único cômodo, não costumam possibilitar o isolamento mínimo que a leitura requer. Por outro lado, boa parte delas, refiro-me àquelas que têm chance de ir à escola, não têm dinheiro para comprar livros e só têm acesso a livros e textos didáticos e informativos fornecidos gratuitamente pelas escolas públicas (AZEVEDO, 2000, p. 2).

Extraíndo da fala de Azevedo (2000) a reafirmação da necessidade de tornar a escola um lugar onde haja sempre a interação entre estudantes, sua relação com os livros e seu bom desempenho na jornada educacional literária. Dê um livro para um aluno e diga para ele ler e veja a sua reação em relação a leitura somente realizada para si mesmo. Em contraponto, entregue um livro para ele e diga para que leia e compartilhe as partes que mais gostou ou que mais achou interessante, o resultado é eventualmente nítido.

A leitura é mais interessante quando sabemos que haverá alguém com quem partilhá-la, e como a maioria das crianças não possui alguém com quem

fazer essa divisão de ideias, sempre há um desinteresse da parte deles. Nesse sentido, a participação da família na vida escolar de uma criança é fundamental e se a criança não possui essa interação com familiares, a escola vê-se na necessidade de ocupar esse espaço e mudar o roteiro de tal docente. Sendo um espaço amplo para todos os tipos de discursões literárias e exposição de dúvidas como também esclarecimento de tais.

A escola deve analisar a necessidade de cada aluno em questões de dificuldade em leituras, e por meio dessa análise, elaborar e inserir em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) um projeto visando uma meta literária anual, sendo que não precisa ser algo extenso e muito menos cansativo, deve-se fazer de acordo com a necessidade de cada turma ou cada série.

As aulas de língua portuguesa, ainda que no Fundamental II, precisam de uma atenção especial dentro da problemática detectada, para que a solução seja breve e recompensável. Vale ressaltar que saber fazer a diferenciação e divisão de temas que serão expostos como leituras de textos didáticos e leituras do dia a dia sobre ficção científica, contos de fadas ou fantasias, é crucial, pois somente textos didáticos informativos não possuem capacidade de desenvolver o hábito literário no educando.

Estabelecer metas literárias dentro do ano letivo é um importante método para se conseguir não somente a formação de leitores críticos e assíduos a curto prazo, mas também de ter uma evolução significativa na melhora de leituras, já que uma ação influencia no aperfeiçoamento da outra.

Foco no desenvolvimento do aprendizado ativo dentro da escola.

A meu ver, em todo o caso, é imprescindível que na formação da criança, e do leitor, haja sempre espaço para que o contraditório e a ambiguidade apareçam. Não, naturalmente, como lições – se houvesse explicações para o contraditório, ele simplesmente não existiria – mas sim por meio do diálogo, da meditação, de discussões, especulações e troca de opiniões (AZEVEDO, 2004, p. 08).

Outro ponto primordial nessa busca pela criação e desenvolvimento do hábito literário, ainda no ensino fundamental da educação básica com uso da literatura infantojuvenil, é o desenvolvimento do aprendizado ativo, onde se tem,

além da interação de quem lê e sobre o que se leu, a troca de ideias e de conhecimento obtido por cada indivíduo. Essa instigação do aprendizado ativo ocorre de maneira em que o docente vai desenvolver um papel importantíssimo em torno da sua evolução de conhecimento.

Esse tipo de aprendizado contribui com a formulação de opiniões próprias estabelecidas pelo aluno, uma vez que ele entende o que leu, ouviu ou assistiu e interpreta da maneira que achar correto. É dever do educador realizar as correções do modo de pensamento do aluno ou do seu ponto de vista, em caso de serem inaptos a sua bagagem educacional, de forma passiva e não evasiva, dando-lhe um direcionamento nas interpretações a respeito do que foi lido pelo mesmo.

Desta forma, é importante salientar que todo esse roteiro colabora também para que haja a incitação da aprendizagem significativa, pois o aluno irá se basear em suas interpretações próprias de leituras, através de comparações feitas ou atribuídas ao conhecimento que ele já possuía em sua bagagem, podendo ter obtido a mesma em casa ou na escola.

É extremamente relevante o uso dessa maneira de aprendizado para que ocorra a obtenção de bons resultados no decorrer do desenvolvimento e aplicação de métodos que resultem no indivíduo o gosto por leituras e literaturas, já que o conhecimento prévio é indispensável para formação de um novo saber e o diálogo e a troca de ideias são caminhos mais simples e adequados para inserir, na mente do aluno, um pensamento vasto em prol da construção de um ideal sobre a função da leitura na sua vida.

Formar um leitor assíduo não consiste somente em desenvolver o hábito literário, há uma carência extrema em ensinar o leitor a interpretar o que foi lido por ele, não somente na perspectiva do autor, mais fundamentalmente no ponto de vista do próprio leitor. E tanto o aprendizado ativo quanto as formas de aprendizagem significativa contribuem para que haja a criação não somente do leitor, mas de um leitor ativo, com um ponto de vista e uma interpretação sólida formulada sobre o que quer que se leia.

A instituição não pode perder o foco quanto a esses detalhes, pois um leitor passivo não possui opiniões próprias sobre suas leituras feitas e, conseqüentemente, a escola formará um indivíduo passivo para integrar uma

sociedade que está em constante transformação, e isso o fará uma pessoa que não possuíra capacidade de se impor ao que lhe for proposto ou imposto.

Desse ponto, tira-se a necessidade de ter um pensamento amplo e ter capacidade de expor um ponto de vista sobretudo a sua volta, e essa capacidade de exposições de ideias começa justamente na sala de aula, principalmente nas duas etapas de Ensino Fundamental.

A literatura infanto-juvenil como aliada na formação do hábito literário.

As crianças e jovens que se encontram na faixa etária entre 5 e 13 anos são justamente as que possuem maior capacidade de construção de um hábito literário, e que irão levar para a vida toda. Sendo que as demais faixas etárias também possuem a mesma capacidade, porém esse trabalho de incentivo à leitura torna-se mais árduo, de acordo com o avanço da idade do aluno e as transformações sociais nas quais eles estão inseridos.

O papel da literatura infantojuvenil está ligado diretamente na apresentação e apreciação de obras que condizem com a idade e vão de acordo com a mentalidade do aluno, sendo iniciada na idade correta. A aplicação de tal literatura tende a influenciar, de maneira direta e significativa, o seu alvo em questão.

Neste sentido, como já foi dito inicialmente, a formação de leitores críticos, com poder de interpretação, é fundamental para um bom desenvolvimento da sociedade atual, já que saber defender um pensamento e expor ideias é a base da boa convivência de um sujeito ativo socialmente.

Fala-se muito em formação de leitores. Nosso país realmente vai ser outro quando sua população for formada por leitores, gente que saiba diferenciar uma obra literária de um texto informativo; gente que leia jornais, mas também leia poesia; gente, enfim, que saiba utilizar textos em benefício próprio, seja para receber informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro e simples entretenimento (AZEVEDO, 2000).

É amplo e nítido o poder e influência que a leitura possui dentro da sociedade, e tudo isso se dá por meio da escola e do seu bom desempenho no papel de ocupar o segundo lugar como casa ou família de um indivíduo em fase

de formação, tomando para si a responsabilidade por boa parte do crescimento e amadurecimento de tal indivíduo, principalmente o amadurecimento intelectual

Dado isso, mostra-se o caminho adequado a ser trilhado, fazendo uso das ferramentas necessárias para alcançar avanços significativos dentro da aprendizagem deste aluno. Portanto, diante de tudo que se é colocado como encargo para a escola, é indispensável o uso de metodologias ou projetos que visem o incentivo ao texto literário, e é de extrema importância saber empregar, no meio dos projetos ou métodos, o uso da literatura infantojuvenil.

Afinal de contas, a literatura infantojuvenil foi criada, principalmente, com foco em englobar e diferenciar a criança e o jovem do adulto, tanto pela forma de apresentar a leitura, como nos pontos específicos que são abordados por ela, os quais diferem completamente dos outros meios literários, pois a forma de aplicação de cada literatura está ligada a maneira como o indivíduo pensa. Um bom exemplo é entregar a um aluno de 5 anos um livro cheio de ilustrações para ele apreciar, e, entregar outro em que haja apenas textos, somente palavras em umas folhas brancas. Pela lógica da mentalidade da criança, automaticamente, ela vai escolher aquele que mais lhe chama a atenção. Logo, o livro colorido e cheio de desenhos será o escolhido, pois há um diferencial que lhe chama a atenção. Para a criança, uma folha branca cheia de palavras não irá lhe influenciar, pois ela não possui capacidade de leitura ainda. Já a folha colorida, com desenhos lhe atrairá pela forma dos desenhos e pela coloração deles.

Desta forma, a criança já tende a ter uma evolução literária, tendo em vista que a literatura não é feita diretamente por meio de textos, e sua interpretação nas primeiras séries do ensino fundamental I se dá pela utilização de figuras coloridas, que se tornam fáceis de serem interpretadas pelos pequeninos, tornando-se assim auxílio no incentivo a aprendizagem das primeiras palavras a serem lidas por eles.

Dentro da literatura infantojuvenil será encontrado um vasto acervo de livros voltados tanto para o público infantil quanto juvenil. Essas obras são adaptadas de acordo com a idade do aluno e série que estão cursando. Todas são de fácil compreensão e permitem ao aluno enxergar um novo horizonte, sobretudo com a mediação de um leitor experiente. Elas também exercem a função de despertar no leitor o apresso pela leitura. Esse gosto fará com que o

leitor, gradativamente, evolua e aumente sua propriedade e autonomia dos textos literários.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para literatura.** (Org). Caminho para formação do leitor. São Paulo, 2004.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje. **Revista leitura**, N° 15. São Paulo, 2001.

COLÉGIO ETAPA. **Qual é a importância da literatura infanto-juvenil?** São Paulo 2021.

Disponível em: <https://blog.etapa.com.br/colégio/literatura-infantojuvenil>
Acesso em 30 de mai. 2022.

Instituto Pro-livro, 5º ed. **Revista Retratos da Leitura no Brasil.** São Paulo, 2020.

Disponível em: < <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em 30 mai. 2022.

OS AUTORES



**Gabriela
Cristina Barros
Nascimento**



**Edson Araújo de
Oliveira Filho**



**Mateus Lima
Nascimento**



**Maiara Cristina
Pereira da Silva**



**Ilene Maria
Pereira da Silva**



**Regilane Barbosa
Maceno**



**Francisco Dheyson
Moraes de Sousa**



**Myrelly de Mello
Morais**



ISBN: 978-85-9535-198-1



9 788595 351981